

Jean Crespin

A TRAGEDIA DE GUANABARA
OU
Historia dos Protomartyres do Christianismo no Brasil

TRADUZIDA DO FRANCEZ
POR

DOMINGOS RIBEIRO

E

Um APPENDICE contendo as Actas dos Synodos e Classes do Brasil,
no seculo XVII, durante o dominio hollandez,
traduzidas pelo dr. Pedro Souto Maior, socio effectivo do
Instituto Histórico e Geographico Brasileiro



☞ Rio de Janeiro ☞
Typo-Lith, Pimenta de Mello & C. – Rua Sachet, 34
1917

PREFÁCIO

Traduzindo do francez o capitulo em que Jean **Crespin**, na sua obra- **Histoire des Martyres**, tomo II, pags. 448-465 e 506-519, se occupa da perseguição dos Calvinistas no Brasil, fazemol-o por desejarmos concorrer, de algum modo, á comemoração que, aos 31 de outubro do corrente anno, o Catholicismo Evangelico fará do 4.º centenario da Reforma, bem assim por ser geralmente desconhecida a historia dos primeiros fieis que, a **9 de fevereiro de 1558**, soffreram o baptismo de sangue em Coligny, hoje fortaleza de Villegaignon, na bahia de Guanabara - Rio de Janeiro.

Das annotações feitas a esse capitulo por Matthieu Lelièvre, na edição de 1887, vertêmos as que nos pareceram de real valor e addicionámos outras sobre pontos que cumpria elucidar.

O dr. **Erasmus Braga**, membro da Academia de Letras de S. Paulo e deão do Seminário Theologico Presbyteriano em Campinas, havendo, em 1907, traduzido a **Confissão de Fé** que determinou a execução dos martyres **Jean du Bourdel, Matthieu Verneuil e Pierre Bourdon**, para que constasse do Relatório da Egreja Presbyteriana, desta Capital, apresentado pelo dr. Alvaro Reis, seu pastor collado, e relativo ao mesmo anno, precedeu-a de alguns conceitos que, com a devida vênia, passamos a transcrever, por constituírem excellente Prefacio ao nosso trabalho:

«Vae-se alargando o martyrologio da Egreja de Christo no Brasil: -

Ainda rubra corre a torrente, quando o céu chora sobre o sangue do ultimo martyr, e a memória dos primeiros não tem um monumento, no coração siquer de seus confrades.

E' tempo de se levantarem as campas. Tirem-se as relíquias, e alcemol-as! São os nossos trophéos.

Não ha no mundo quem tenha mais vivo monumento dos seus martyres que nós. Nem o Colyseu com as suas arcarias soturnas: o rugido das feras ha muito que emmudeceu.

Ali, porém, naquella bellissima bahia de Guanabara, está a ilha, onde primeiro, em terras da America, os fieis commemoraram a morte do Salvador.

Ao cimo da collina, uma fortaleza, como então.

Seu nome perpetúa a memória execranda do carrasco.

Lá, a rebentar dos arrecifes, as mesmas ondas que sorveram os corpos dos martyres, vêm cobrir de branca espuma a rocha que servio de cadafalso.

E o mar ainda ruge como no dia do martyrio.

Templo, cadafalso e jazigo.

Jean de Lery, o historiador da expedição de Villegaignon, por que no dia das retribuições não se lhe leve em conta o olvido, emprehendeu narrar os martyrios de seus irmãos na terra do Brasil.

Quebraram-se uma por uma as promessas do ambicioso almirante; Richier é injuriado em plena congregação; os sermões são criticados com vehemencia pelo intimo do chefe da expedição ; por fim, violenta, estoura a apostasia.

Disputava-se sobre a doutrina dos Sacramentos, e Chartier, o outro pastor que Calvino enviára, voltou á Europa, levando appello ás egrejas-mães.

Sósinho, a lutar contra a violencia, Richier e os fieis foram obrigados a deixar

o forte e ir para o continente.

Depois de muito soffrer, puderam, um dia, ver-se à bordo de um navio que os devia repatriar. No alto mar, porém, o velho barco fazia água, e tão desgraçadamente, que o deposito de viveres inundara. Era necessário diminuir os de bordo; e tocou a cinco delles voltarem numa chalupa para a terra, onde tanto soffreram.

Villegaignon os recebeu com toda a bondade. Os remorsos, porém, que lhe torturavam a alma, levantavam a cada canto um phantasma, e como Caim, o apostata e assassino, temia que um braço vingador viesse, de um golpe, cercear-lhe a ambição. E os pobres homens, tornaram-se suspeitos de traição e espionagem.

Resolvido a eliminar-os, buscava ainda o vil perseguidor um véo para encobrir o crime.

Sabia bem o mesquinho que a mesma fé ardente no coração dos confessores reduzidos a cinzas lá na pátria, mais ardente que as brazas das fogueiras, também inflammava o coração das suas victimas: lembrou-se que era ali o representante de Henrique II.

Era direito dos governadores, em nome do rei, exigir dos subditos uma confissão de sua fé. O almirante ordenou, portanto, que em doze horas respondessem aos artigos de fé que lhes enviára.

O mais velho, distinto entre elles, porque velava pela piedade de seus irmãos e porque em letras possuía conhecimentos da língua latina, foi eleito para redigir a resposta. Sem livros, só possuíam a Bíblia, simples crentes que talvez não tivessem aos pés de Calvino um curso de divindades, afflictos, cansados, em um dia, foram obrigados a responder a difficeis questões.

Jean du Bourdel escreveu; os outros assignaram a sua Confissão de Fé.

Recebido o documento, o tyranno o fez vir à sua presença.

Jean du Bourdel, Matthieu Verneuil e André la Fon vieram; Pierre Bourdon, afflicto por moléstia, ficara no continente.

Estavam promptos, disseram, a sustentar a Confissão. Enraivecido, ordenou Villegaignon que os mettessem no carcere a ferros.

Durante a noite, todas as horas ia revistar as algemas, a porta do cárcere, rondar as sentinellas.

Os servos de Deus, entretanto, oravam, cantavam psalms e se consolavam mutuamente.

Na manhã de sexta-feira 9 de fevereiro de 1558, desceu Villegaignon, bem armado, com um pagem, a uma sala. Mandou apresentar du Bourdel, e mandou-lhe explicar o 5.º artigo da sua confissão. Ao responder du Bourdel, uma bofetada, do apostata fez-lhe jorrar sangue da face, e Villegaignon mofára das suas lagrimas de dôr.

Conduzido ao supplicio, ao passar pela prisão, bradava aos seus companheiros que tivessem bom animo, pois breve seriam livres desta triste vida.

Cantando psalms, subiu á rocha; orou, e, atado de pés e mãos, o algoz o arrojou ás ondas.

Seguiu-o Matthieu Verneuil.

A's suas supplicas que o poupasse, tivesse-o como escravo, respondia o verdugo, menos valor tinha qui o lixo do caminho: Tendo orado, exclamando: - «Senhor Jesus, tem piedade de 'mim» - desappareceu no mar.

Pierre Bourdon, fraco, debilitado pela molestia foi obrigado a levantar-se, e levado para a ilha.

Lá percebeu o que o esperava, Ao presentir o logar onde soffreram seus irmãos não se entristeceu, pois tinham ali obtido a victoria. Cruzou os braços, elevou

os olhos ao céu ; orou.

Antes de morrer, quiz saber a causa de sua morte. Respondeu-se-lhe que era a sua assignatura de uma Confissão heretica e escandalosa.

O rugido do mar não permittiu mais ouvir a sua voz clamar pelo soccorro e favor de Deus, e o seu corpo desapareceu no abysmo das aguas.

E foi assim naquelles tempos que os nossos irmãos pagaram com a vida a audacia de confessar a sua fé ; e, hoje, muita gente balbucia, hesita, ante o sorriso mofador, de qualquer insolente.» -

* * *

Mas o Protestantismo no Brasil, em especial, grande e relevantissimo serviço deve ao dr. Pedro Souto Maior: referimo-nos á traducção pelo mesmo feita das **Actas dos Synodos e Classes do Brasil**, no século XVII, durante o **dominio hollandez**, as quaes, em Appendice, juntamos a este trabalho, autorizados pelo conspicuo traductor e insigne mestre, a quem hypothecamos eviterna gratidão.

E, por certo, injusto fôra que deixassemos tambem de render, aqui, homenagem á maior autoridade, no Catholicismo Protestante Brasileiro, em materia de historia geral e ecclesiastica - o notavel tribuno e emérito publicista dr. Alvaro Reis, autor de obras de reconhecido valor, das quaes, dada a sua intima relação com o «martyrio dos huguenotes», recommendamos aos estudiosos a que tem por titulo - **O Martyr le Balleur**.

Não encerraremos, todavia, este Proemio sem assignalar a alta conveniencia, ou antes, á imperiosa necessidade da creação de uma Biblioteca do Protestantismo Brasileiro, como as que existem em outros paizes. As vantagens de um tal Departamento seriam incalculáveis. Attente-se, por exemplo, ao enorme auxilio que a Bibliotheca do Protestantismo Francez prestou a Matthieu Lelièvre, annotador da obra de Crespin, como se vê destas suas palavras : « L'accès aux grandes Bibliothèques de Paris nous a permis de remonter aux sources de plusieurs chapitres du Martyrologe. Nous avons notamment trouvé à la Bibliothèque Nationale les ouvrages qui ont fourni à Crespin et à ses continuateurs les notices sur Ange Le Merle, l'Inquisition d'Espagne et la grande persécution de l'Eglise de Paris, et à la Bibliothèque. De l'Arsenal, le livre sur l'expédition de Villegaignon, qui a passé tout entier dans l'Histoire des Martyres. Nous ne devons pas oublier de mentionner la Bibliothèque dii . Protestantisme Français, qui occupe une place déjà distinguée parmi les grands dépôts des richesses liitéraires de la France. Son bibliothécaire, M. N. Weiss, nous a fourni, à diversej reprises, des indications utiles, et nous n'avons jamais fait appel en vain à son obligeante érudition».

Quem, pois, se disporá a estudar este magno assumpto?

Quem tomará a iniciativa de tão utilitario empreendimento?

Endereçamos, em particular, taes questões aos ministros e professores de maior prestigio do Catholicismo Protestante no Brasil.

* * *

Oxalá que as presentes traducções, a par de outros benefícios, produzam, em nosso meio religioso, um maior interesse pelos assumptos históricos, notadamente pelos que se prendem á Egreja Evangélica - esse ramo orthodoxo do Christianismo, embora assim não seja reconhecido pelos Papistas obcecados !

Rio, Agosto - 1917, **Domingos Ribeiro**

[1] DAS AFFLIÇÕES E DISPERSÃO DA PRIMEIRA EGREJA REFORMADA ESTABELECIDNA NA AMERICA – BRASIL (1557 - 1558)

Jesus Christo, alçando em tantos logares, na actual Dispensação da Graça, a flammula sacrosanta de seu Evangelho, revela-se, mesmo, aos povos desconhecidos e barbaros e chama a si, por este meio, todos os habitantes do mundo, antes de executar sobre elles o ultimo julgamento. Porém os falsos christãos e, sobretudo, os apostatas, pela sua ingratição e maldade crescentes, procuram impedir, mais do que os proprios tyrannos, a difusão da verdade, como resaltarà da narrativa que vamos fazer e que nos deve estimular a seguirmos o Evangelho, embora com o sacrificio de nossas commodidades; a supportarmos, resignados, a fome, a sede, a nudez e todas as tripulações que Deus permittir nos sobrevenham para exercicio, prova e a-perfeição de nossa paciencia.

Como preparo indispensavel á boa intelligencia da historia dos primeiros crentes evangelicos que, por causa da sua fé intemerata na doutrina do Filho de Deus, regaram o solo brasileiro com o seu sangue, não nos occuparemos já de nosso principal assumpto e, sim, de seus preliminares – o inicio e o motivo da existencia de uma Igreja Reformada, segundo as Santas Escripturas, em paragem tão distante e apartada das nações.

[1]Crespin 1564, pag. 837 ; 1570, pag. 442 ; 1597, pag. 190 ; 1619, pag. 410. Na edição de 1564 esta narrativa vem subordinada ao título: *Sobre a igreja dos Fieis no paiz do Brasil, parte da America Austral : sua afflicçãoe dispersão,*

A rememoração de tão notaveis acontecimentos, desenrolados por esse tempo, deve mover-nos a uma meditação continua sobre as maravilhas do Senhor, tanto mais quanto cremos que aquelles a quem cabe o dever de proclamal-as sentirão, no futuro, remordimentos de consciencia, si deixarem de cumpril-o ; e taes considerações, aliás, levaram uma personagem digna de toda a fé a publicar, por escripto, tudo o que vira em referencia aos factos de que nos occupamos e a quem tornaremos, por emprestimo, as palavras e a narração que se seguem (2) :

“ Posto que a verdade, por si mesma, sem qualquer artificio, prevaleça contra a mentira, e não nos seja permittido accrescentar-lhe coisa alguma, todavia, quando opprimida durante certo tempo pelo esforço maligno dos adversarios, póde ella estar como enterrada.

Mas um dia far-se-á, luz e aquillo que estivera profundamente occulto apparecerá em plena evidencia, afim de que no scenario do mundo se descubram os hypocritas e os cynicos.”

Quanto ao fracasso da tentativa de colonização huguenote, Jean de Lery, um dos membros da expedição, deixou-nos interessantissimo trabalho, intitulado : *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil,* – livro este que teve já oito edições em francez, das quaes a mais recente se deve a Paul Gaffarel, Paris, 1880, e cinco em latim. Mas esta obra, tendo apparecido pela pri-

meira vez em 1578, é claro que da mesma não se poderia ter soccorrido Crespin para a presente noticia, que figurava já na edição de 1564. O martyrologio é a reprodução pura e simples de um pequeno volume, in-16, de 48 fls., que em parte alguma vimos mencionado, mas do qual ha um exemplar na Bibliotheca do Arsenal (H 12102), e intitula-se : *Histoire des choses mémorables survenues en la terre du Brésil, partie de l'Amérique Australe, sous le gouvernement de N. de Villegaignon, depuis l'an, 1555 jusqu'à l'an 1558* (1561, S I). Quem é, todavia, o autor deste escripto? Qual é essa personagem digna de fé á qual Crespin declara pertencerem as «palavras e a narração» deste capítulo de seu livro ? A hesitação não é possível sinão entre os nomes de doas testemunhas presencias dos factos, ambas as quaes se tem occupado delles por escripto. Um é Pierre Richier, que fôra, como ministro, enviado por Calvino ao Brasil, e que, em 1561, publicou uma *Refutação ás loucas fantasias, ás execráveis blasphemias, aos erros e ás mentiras de Nicolas Durand de Villegaignon* (in-16, S I, 176 fls. – Bibliotheca do Protestantismo Francez), obra seguida nesse mesmo anno de pamphletos energicos sobre o mesmo assumpto e, provavelmente, do mesmo autor. Mas um exame attento leva-nos a crer que Richier não pôde ter sido o autor da narrativa reproduzida por Crespin – tamanha é a differença entre o fundo e a fórma deste relato. e a maneira peculiar por que Richier descreve os mesmos acontecimentos ; diversidade tanto mais estranhavel si elle houvesse feito duas vezes, no mesmo anno, a alludida narração. Resta-nos, pois, Jean de Lery, autor da obra acima indicada. Verdade é que, referindo, no prefacio de seu livro, as vicissitudes do respectivo manuscrito, elle não allude a esta publicação de 1561; mas, quasi no fim da obra, declara haver collaborado no *Livro dos Martyres* (vide adiante, no martyrio de Jean du Bourdel, a nota correspondente). Facilmente se concebe que Crespin, não podendo logo inserir a narrativa em seu *Martyrologio*, o qual só em 1564 appareceu, deliberou fazer da mesma uma edição distinta : e tal a origem do pequeno volume de 1561, destinado a refutar a versão que dos factos espalharam Villegaignon e os seus amigos.

(2) Trata-se, evidentemente, de Jean de Lery, ao qual, posto que lhe não decline o nome, Crespin se reconhece devedor da narração que passa a fazer. Esta é a reprodução do opusculo publicado em 1561 – *Histoire des choses mémorables survenues en la terre de Brésil*, de que falámos em a nota precedente,

Fructo e utilidade desta historia

Por esta razão, e porque seja louvavel reconduzir ao caminho direito os que delle se desviaram, urge tambem se torne conhecida a verdade quanto á tragedia de que o Brasil foi theatro ; e, para consecução satisfatória de tal objectivo, importa comecemos pelo relato de tudo o que se convencionou, de tudo o que se fez e de tudo o que occorreu. Servira isto de aviso, para que d'ora em diante não se creia facilmente em coisas sobre que se não estiver bastante! intelligenciado e para que a respeito dellas não se exerça, com precipitação, um juízo definitivo.

O exposto seria motivo sufficiente para traçar-mes esta narrativa. Duas outras razões, porém, de não menos peso e valor, dão á tarefa o character de indeclinavel : a grandeza do facto e a circumstancia dos logares.

Sim, onde o historiador que haja registrado que nessa terra recentemente descoberta alguém tenha sido sacrificado e morto, porque ousára espalhar, ali, o conhecimento da Palavra de Deus? Os selvagens teem assassinado e devorado alguns Portuguezes e Francezes. Mas – qual a razão? Unicamente porque as victimas, pela sua propria avareza e ambição desmesuradas, os haviam ultrajado e offendido. Todos sabem perfeitamente que os Portuguezes e mesmo os Francezes que teem estado nessas regiões jámais falaram aos selvícolas uma palavra, siquer, no concernente a Christo Jesus Senhor nosso.

E porque os tres fieis cuja morte descreveremos mais adiante foram os primeiros que,

no Brasil, experimentaram o martyrio por causa do Evangelho, segue-se que seria indecoroso, importaria uma injustiça clamorosa, e de más consequencias, si deixasse-mos a sua memorial no olvido e completamente extinta entre os homens, pois que, nesse caso, o seu sangue bradaria ao Céu por vingança contra semelhante indignidade.

Taes reflexões determinaram nas testemunhas oculares dos acontecimentos que vão ser aqui narrados e por cujos mãos transitou esta compilação o forte desejo de que a mesma fosse transmittida ao leitor, afim de prevenil-o contra as calumnias (3) que obscurecessem e deturpassem a verdade sobre as causas da empreza, meios, execução, protestos, revoltas e o mais que se segue.

Disputa de Villegaignon em França

Nicolas de Villegaignon, nomeado vice-almirante em Bretanha, desaviera-se com o capitão da cidadella de Brest, principal fortaleza de todo o paiz, e isso por questões technicas da fortificação da mesma. Originou-se dahi um descontentamento e, um odio mortal entre ambos, de modo que, para se defrontarem, buscavam só o momento propicio.

O caso chegára aos ouvidos de Henrique II. Este, porém, favorecia muito mais ao capitão da cidadella do que ao vice-almirante, circunstancia que tirava a Villegaignon toda a esperança de successo na disputa. Sem embargo, pensava elle que, pelo menos, poderia arruinar ou tornar odioso o seu adversário. Mas, neste sentido, ia conseguindo pouco, pelo que começou a aborrecer-se em França, accusando-a de enorme ingratidão, visto que ao serviço delia consummava toda a sua juventude na carreira militar. Accrescentava, ainda, que, em face do resultado quasi nullo que obtivera .de seus trabalhos passados, não podia mais ali permanecer por muito tempo.

Ora, na cidade de Brest, residia então um preposto do thezoureiro da Marinha, o qual era íntimo de Villegaignon. Um dia, quando se achavam á meza, referio-se aquelle a uma viagem que fizera ás Indias Meridionaes e, alludindo ao Brasil, louvou elle extraordinariamente a sua temperatura, a belleza e a serenidade do céu, a fertilidade da terra, a abundância de viveres, as riquezas naturais e coisas outras de todo desconhecidas dos antigos.

(3) Allusão á obra deThevet, cosmographo de Henrique II e companheiro de Villegaignon : *Les singularités de la France Antarctique* (1558), onde o autor defende o almirante das accusações dos Protestantes, a quem calumnia mas aos quaes Jean de Lery faz justiça em seu livro – *Histoire d'un voyage fait dans le pays du Brésil*.

Villegaignon sonha a fundação de uma monarchia no Novo Mundo

A descripção agradára immenso a Villegaignon e de tal modo lhe aguçou a cobiça que elle constrangia o seu informante a repetir-lhe freqüentemente as mesmas palavras, sonhando o dominio de toda essa terra. Seu desejo de ir até lá augmentava dia a dia.

Faltavam-lhe, porém, os meios, tanto mais quanto, em deixando a França, queria fazel-o com honra e boa reputação, o que lhe acarretaria grande despesa, para a qual não estava aparelhado. De, resto, Henrique II julgaria muito mau que elle se exilasse voluntariamente entre gente a mais deshumana que existia debaixo do céu.

Entretanto, por subtis meios, esforçava-se Villegaignon por captar as sympathias daquelles que lhe podiam dar apoio efficiente para a feliz prosecução de seu projecto, aos quaes affirmava que seu vehemente desejo e mais forte empenho era procurar um sitio de

repouso e tranquillidade, onde pudesse estabelecer os perseguidos em França por causa do Evangelho; e que, havendo longamente pensado sobre o melhor lugar para fugir á crueldade e tyrannia dos homens, elle se lembrára da terra do Brasil, da qual todos os navegántes se manifestavam encantados, enaltecendo a sua temperatura e a sua fertilidade, e onde se poderia commodamente viver.

Aquelles a quem elle se dirigira creram facilmente em suas palavras, applaudindo esta empreza, mais digna de um principe do que de um simples fidalgo; e desde logo lhe prometteram a sua interferencia junto do rei, afim de que Villegaignon conseguisse todas as coisas necessarias á navegação (4).

(4) Crespin omitta a parte tomada por Coligny nesta empreza, decerto por considerar-se desobrigado, em 1561, de inserir-lhe o nome na narrativa de uma expedição tristemente celebre e que foi um verdadeiro fracasso. Mas, Jean de Lery, publicando o seu livro aipis a morte de Coligny, completa neste particular, a narração de 1561 : «De facto, sob tal pretexto e porque revelasse as mais bellas intenções, Villegaignon conquistou a sympathia dos mais influentes da Religião Reformada, os quaes, inspirados pelo mesmo motivo affectado por aquelle, desejavam retirar-se para um tal refugio : no numero destes estava Gaspard de Coligny, almirante de França, de abençoada memória, o qual, gosando do favor de Henrique II, que então reinava, fez-lhe sentir que Villegaignon poderia descobrir muitas riquezas e conquistar grandes vantagens para o reino, caso fizesse a projectada viagem. Assim, Coligny obteve que a Villegaignon fossem dados dois bellos navios equipados e munidos de artilharia, bem como dez mil francos para a viagem» (Lery, edição Gaffarel 1, 40. Vide tambem Bèze, *Historia Ecclesiastica*, 1, 59; Aubigné, *Historia Universal*, tomo I, livro I, cap. XVI e livro II, cap. VIII; Delaborde, *Gaspard de Coligny*, 1, 145; II, 431).

Entendiam, até, que o empreendimento seria agradável ao monarcha, pois resultaria em sua propria gloria e honra e em proveito da sua nação. Assim, foi o negocio solicitado com a maxima diligencia, logrando despacho favorável, tanto que em breve obtinha Villegaignon dois bellos e grandes navios e dez mil francos para os gastos com os homens que lhe seria preciso levar comsigo, assim como grande quantidade de artilharia, polvora, balas e armas para a construcção e defesa de um forte. Isto alcançado, entendeu-se elle com os capitães e pilotos para guiarem as caravellas e fazerem, em Brest, o carregamento de madeiras e outros accessorios. Para collimar o seu fim, só lhe restava encontrar gente fiel, de boa vida e educação, afim de habitar com elle no Brasil; e eis porque fez publicar por toda parte que precisava de pessoas tementes a Deus, pacificas e boas, pois bem sabia que lhe seriam mais úteis do que quaes-quer outras, em virtude da esperança que tinham de formar uma congregação cujos membros fossem votados ao serviço divino.

Algumas personagens de toda a honorabilidade, sem ligarem a menor importância á longa viagem, . nem á grandeza dos perigos que podiam sobrevir, nem á subita mudança de clima, nem á diversa maneira de viver, deixam-se persuadir pelas bellas e doces promessas de Villegaignon e decidiram-se a acompanhai-o. Era-lhe tambem indispensavel assalariar trabalhadores e operarios de todas as profissões ; mas com muita difficuldade e mediante grande remuneração poudes encontrai-os, e isto mesmo entre gente rustica, sem a mais leve noção de honestidade e civilidade, impudica, dissoluta e dada a toda a sorte de vícios (5).

[5] Claude Haton, em suas *Memorias* (edição Bourquelot, pag. 17) diz : «Com permissão do rei, Villegaignon visitou as prisões de Paris para ver os prisioneiros que lhe podiam ser úteis,»

Emquanto aguardava o dia da partida, Villegaignon parlamentava com aquellas personagens que, como elle, seguiam de boa vontade, fazendo-lhes sentir que esperava fazer, no Brasil, optima administração com os seus conselhos, pois era seu proposito, segundo accentuava, subordinar tudo á deliberação dos mais notaveis ; e que, 'no concernente á religião, seu desejo era que a Igreja a ser ali fundada fosse Reformada como a de Genebra.

Era isto o que elle promettia em todas as reuniões, pelo que todos, de coração, lhe de-

sejavam êxito completo no seu empreendimento, si bem que alguns suspeitassem de tal empreza, dados os precedentes do almirante e o modo tyrannico por que se houvera, quando commandante de galeras na sua mocidade (6).

(6) Villegaignon commandára as quatro galeras que levaram soccorros a rainha d'Escocia, Maria de Lorena, e a sua conducta, nesta expedição, valeu-lhe o título de vice-almirante de Bretanha.

A viagem

Sob esta boa impressão, todos os da comitiva se alojaram com Villegaignon nos navios, que logo em seguida levantaram ferros, deixando o Havre aos 15 de julho de 1555. E, depois de haverem passado, por grandes perigos, difficuldades e accidentes penosos durante a viagem, como: estacionamentos, falta d'agua potável, pestilencias, calor excessivo, ventos contrarios, tempestades, intemperies da zona torrida e outras coisas que seria fastidioso enumerar, – chegaram finalmente ao Brasil, terra da America, onde o polo Antartico se eleva 23o. sobre o horizonte, mais ou menos.[7]

Por ocasião do desembarque dos Francezes, os habitantes do paiz sahiram ao seu encontro e dispensaram-lhes franco acolhimento, presenteando-os com viveres e diversas coisas curiosas, no intuito de fazerem com elles uma alliança perpetua.

(7)Villegaignon entrou na Guanabara no dia 10 de novembro de 1555.

Servidão egypcia

Partindo do Havre, os passageiros não inquiriram si Villegaignon se premunira de viveres para aquelles que ficassem em terra, como fôra de suppor. Por isso, ao ser-lhes constatado que absolutamente não os havia para a sua subsistencia, acharam elles muito estranho tal procedimento e em grande maneira se aborreceram por terem que se conformar com os alimentos desta nova terra, os quaes consistiam de fructos e raízes, em lugar de pão, e de agua em vez de vinho, e isto em quantidade tão miseravel que para um só homem não era bastante o que se distribuía para quatro.

Em consequência desta brusca mudança, diversos cahiram gravemente enfermos e não mais se puderam levantar, porque tambem não havia medicamentos o que exasperou fortemente a muitos contra Villegaignon, a quem accusavam de insaciavel avareza e de ter economisado o dinheiro do rei, empregando-o só em proveito proprio, quando devera applical-o na aquisição de viveres e de todas as coisas indispensaveis ao sustento e preservação da saude dos que levára para tão longínquas regiões.

E' certo que os marinheiros que já tinham viajado nestes paizes, asseguraram que havia nelles abundantes provisões de boca, e que, por conseguinte, não se tornava necessario carregar de generos os navios na partida.

E foi precisamente isto que servio de desculpa e defesa a Villegaignon.

A amargura dos pobres homens era tanto mais intensa quanto a situação permanecia irremediavel. Accresce que nem por isso se lhes diminuía o trabalho, mas, ao contrario, era este augmentado dia a dia, como si, porventura, fossem bem alimentados. Para maior flagello, a ardencia do sol era tão causticante como ninguem o poderia ter imaginado. Desde a manhã até a noite obrigavam-n'os, tambem, a quebrar pedras, a carregar terra e a cortar madeiras, porque o lugar, o tempo e a occasião requeriam uma grande diligencia, pelo receio de possível ataque, quer por parte dos naturaes do paiz, quer por parte dos Portuguezes, então inimigos acerrimos dos Francezes nessa região.

Conspiração contra Villegaignon

Os operarios, pouco sensíveis em questões de honra, persuadiram-se de que, si este era o começo, o fim seria inconcebível. Os mais sagazes de entre elles previam que, no caso de deixarem crescer o jugo que se lhes impunha. quando se achavam, ainda, na sua

maioria, são e bem dispostos, mais tarde não haveria reacção possível (8).

[8] Em sua carta a Calvino (Opera, XVI, 417), Villegaignon pretende que a revolta teve origem no facto de haver elle prohibido que as mulheres indígenas entrassem na colonia desacompanhadas de seus maridos – medida que levou vinte e seis mercenarios, *voluptatis illecti cupiditate*, a conspirarem contra a sua vida, Thevet, em sua *Cosmographia*, procura lançar sobre os ministros genebrinos a responsabilidade, desta conspiração, quando é certo que ella se realizou antes da chegada dos mesmos, como o prova a propria carta de Villegaignon (Lery, Prefacio, tomo I, p. 13).

Nestas condições, formaram um *complot* e reuniram os havidos por mais dignos de serem admitidos ao conselho, ficando concertados os meios pelos quaes se poderiam libertar do cruel jugo da servidão que pesava sobre elles contra todas as leis civis e humanas.

Entendiam uns que se deveriam juntar aos naturais do paiz, sem tentar mais coisa alguma. De opinião contraria eram outros, que reputavam mais acertado bandear-se para os Portuguezes que habitavam ali perto. A maioria, porem, que quasi sempre suffoca a melhor idéa, não approvou nenhum dos alvitres suggeridos, os quaes lhe pareceram impraticaveis para obtenção segura da sua plena e inteira liberdade. Finalmente, o mais audacioso demonstrou-lhes que se enganariam redondamente, si deixassem viver por mais tempo a Villegaignon e aos que tentassem defendel-o, chegando mesmo a affirmar que seria facilimo eliminai-os, pois não pairavam suspeitas a respeito delles.

Ficou vencedora esta opinião, que foi unanimemente approvada, louvando todos a intelligencia de seu autor, ao qual delegaram a chefia da conspiração ; e cada qual, já dante-mão, em sua imaginação, dividia o despojo que seria arrecadada.

A senha foi dada e escolhido o dia da execução – um domingo, quando cada um se retirava para o seu logar sem provocar desconfianças. Uma só coisa parecia prejudicar e impedir o êxito da trama : eram tres marinheiros escocezes que guardavam a Villegaignon. Mas os conspiradores tentaram logo allicial-os, afim de encontrarem menos obstáculos na realização de seu projecto.

Os marujos fingiram approvar o seu desígnio, allegando maus tratos recebidos de Villegaignon, tanto em França como durante a viagem ; e, em sua dissimulação, informaram-se do dia e hora exactos e dos meios da execução, bem assim dos nomes dos conspiradores que tornariam parte nella.

Senhores de todo o plano, entenderam que fôra indigno e deshumano occultal-o. Dirigiram-se, pois, de preferencia, a um dos amigos mais íntimos de Villegaignon, tanto pelo conhecimento que elle possuía da língua escoceza como por outras razões, e revelaram-lhe toda a conjuração, os nomes dos principais conspiradores, o dia e hora da execução, afim de que Villegaignon, dest'arte avisado, pudesse tomar as precisas precauções e dar um exemplo salutar á posteridade.

Villegaignon e os que lhe eram fieis, assim prevenidos, armaram-se e prenderam quatro dos principaes conspiradores, aos quaes inflingiram severíssima punição, para escarmemento dos demais e para os conservar adstrictos ao seu dever e á sua condição, sendo que dois delles foram postos em prisões com cadeias e ferros e obrigados a trabalhos públicos durante certo tempo (9).

(9) Segundo Barré, em sua carta de 25 de maio de 1556, um dos presos, sentindo-se muito culpado e sem esperanças, portanto, de salvar-se, teve meios de arrastar-se até o muro e atirou-se á agua, afogando-se. Um outro foi estrangulado. Os outros passaram a servir como escravos.

Tal foi o epilogo desta conjuração.

Villegaignon não pode, portanto, negar que com elle tambem embarcára gente de bem, cujos serviços depois tão mal recompensou.

Villegaignon, por um emissario, solicita ministros á Egreja de Genebra

e é atendido

Este acontecimento tornou Villegaignon, por algum tempo, muito afeiçãoado á Palavra de Deus, revelando-se elle, com effeito, assás zeloso e interessado em organizar, ali, uma Igreja, e exprimindo, a miudo, forte desejo de ter um ministro para doutrinar a sua família e catechizar a pobre gente do paiz, ignorante das coisas de Deus e das leis da civilidade e honestidade. Outrosim, freqüentes vezes lamentava a sua propria situação, em virtude de achar-se cercado de tão diminuto numero de pessoas dignas, por quem era confortado sempre em seus desgostos, o que lhe fazia pensar que a sua vida estaria muito mais segura entre gente virtuosa do que no meio de mercenários desprovidos de honra e de toda a moral.

Apressou-se, pois, em appellar para os ministros da cidade de Genebra, fazendo-lhes sentir a imperiosa necessidade que tinha de evangelistas, por isso que fôra para lá com o unico fim de ouvir as leis e ordenações do Senhor (10). E, accrescentando que de longa data formava a respeito delles e da Igreja Reformada o mais favorável conceito, pedia-lhes, como a irmãos em crenças, não lhe negassem conselho, beneplacito e soccorro, pois deste modo participariam dos beneficios e da perduravel memoria que de tal concurso certamente adviriam. Sob promessa do melhor dos acolhimentos, tanto no decurso da viagem como no paiz, rogava-lhes que com um ou dois ministros lhe enviassem tambem gente de officios, casada ou celibataria, indifferentemente, e mesmo algumas mulheres e moças para povoarem a nova terra; porquanto, segundo as suas previsões, difficil se tornaria habitar essa região por outros meios.

Ao receberem taes noticias, os pastores da Igreja de Genebra renderam graças a Deus, por abrir em paragens tão distantes uma porta á dilatação do reino de Jesus Christo.

(10) Jean de Lery diz, de maneira positiva (obra citada, cap. I, p. gr), que Villegaignon enviou expressamente um emissario a Genebra, solicitando por este á Igreja e aos ministros dali que o ajudassem e soccorressem, tanto quanto lhes fosse possível, nesta empreza Accrescenta, outrosim, que elle escreveu no mesmo sentido a Coligny;

(11) Pierre Richier, doutor em theologia e ex-frade carmelita, converteu-se ao Protestantismo e, após haver feito seus estudos em Genebra, dirigio-se ao Brasil em 1556, de onde voltou no anno seguinte, sendo então enviado a Rochelle, em cujo lagar organizou a Igreja e morreu a 8 de março de 1580. Ali publicou elle, primeiro em latim (1561) e depois em francez (1562), a *Regulação ás loucas fantasias, ás execráveis blasphemias, aos erros e ás mentiras de Nicolas Durand de Villegaignon*.

Diligentemente, pois, escolheram dois ministros para tão nobre e santa missão : Pierre Richier (11) e Guillaume Chartier, (12) aquelle de 50 e este de 30 annos, ambos muito versados na sã doutrina e de exemplarissima conducta ; e, para com elles seguirem, foram chamados diversos operarios, dos quaes alguns eram casados (13).

A conducção desta companhia foi confiada a Philippe de Corguilleray, cognominado du Pont, cavalheiro muito considerado e que residia muito perto da cidade de Genebra, o qual, comquanto a sua idade e estado de saude não lh'o permittissem, não vacillou, todavia, em realizar tal viagem. Nem mesmo os seus negocios pessoaes e o amor que consagrava aos

seus filhos o demoveram de acceitar o encargo que o Senhor lhe impunha.

Em passando pela França com destino a Honfleur, porto de mar da Normandia, onde os navios a esperavam, espalhou-se logo a noticia da presença da comitiva e muitos enthu-siastas se decidiram associar-se a ella, tendo-se, por occasião do embarque, apresentado grande numero de pessoas de Paris e da Normandia, das quaes só algumas foram admitti-das, pois os navios não comportavam todas – tal o renome desta expedição largamente annunciada.

lamo-nos esquecendo de assignalar que o emissario de Villegaignon havia referido muitas coisas honrosas a respeito deste, dizendo que os operarios seriam muito bem remunerados, que as mulheres dos casados receberiam pensões e que a todos seria dado tudo o

que necessario fosse á sua vida e manutenção, inclusivé o direito de livremente regressarem a França, caso não se adaptassem á nova terra e não fossem recebidos, ali, segundo as promessas feitas em plena assembléa de Genebra.

Chegados a Honfleur, logar de seu embarque, foram acolhidos com muita cordialidade por aquelles que estavam encarregados da sua recepção e os quaes, como era de esperar, lhes reiteraram as mesmas promessas.

No momento da partida cada qual se installou no navio que lhe fôra designado pelo chefe da navegação, pois seria impossível alojal-os todos num só, sem graves inconvenientes. Zarpam logo do porto de Honfleur e, enfunadas as velas, deixaram em breve as terras da Europa e aproximaram-se das ilhas Afortunadas (14), limitrophes da, Africa, onde – fosse pelo grande numero de pessoas ou fosse por furto praticado pelas guarnições – tiveram inicio as torturas dos passageiros pela espantosa redução de alimento, como si, acaso, estivessem no mar ha dez mezes, occasionando este facto varios motins no decurso da viagem.

[12]Guillaume Chartier, natural de Vitre – Bretanha, estudou em Genebra e aceitou com muito ardor o cargo de missionario da Reforma da America. Nicolas des Gallars, tendo-o visto e ao seu companheiro na occasião de embarque, escreveu a Calvino (*Opera* XVI, 270) que elles partiam *eadem alacritate animi quam antea proe se ferebant*.

Posteriormente ao insuccesso desta expedição, nada mais se sabe de Chartier senão que foi capellão de Jeanne d'Albret.

(13) «Eis os nomes dos huguenotes que acompanharam du Pont, Richier e Chartier : Pierre Bourdon, Matthieu Verneuil, Jean du Bourdel, André la Fon, Nicolas Denis, Jean Gardien, Martin David, Nicolas Raviquet, Nicolas Carneau, Jacques Rousseau e eu, Jean de Lery, que me juntei á companhia, assim pelo forte desejo que Deus me dera de contribuir para a sua gloria como pela curiosidade de ver esse novo mundo. Ao todo eramos quatorze e, para a realização de tal viagem, sahimos de Genebra aos 10 de setembro de 1556» (Lery, ed. Gaffarel, tomo I, p. 44).

(14) As Canarias,

A's reclamações os marinheiros respondiam sem rebufos que eram constringidos a proceder deste modo em consequencia da falta de viveres ; e, quando os ministros lhes censuravam o mal e a injuria feita aos armadores, despojando-os de seus bens e mesmo de seus navios, o que seria horroroso permenorizar, maltratavam-n'os igualmente, calumniando-os da maneira a mais vil e replicando-lhes que assim lhes fôra ordenado por Villegaignon, por quem elles, marinheiros, se sentiam apoiados.

A' vista disso os ministros acharam prudente remetter-se ao silencio, e os que dahi em diante ousavam reclamar particularmente eram cobertos de irrisão e ludibriados.

Abster-nos-emos de falar do mal praticado contra os Inglezes, dos quaes roubaram dinheiro e mercadorias e com quem estavamos, então, de paz jurada ; nem da sua pirataria exercida contra Hespanhoes e Portuguezes, cujos navios e cargas foram tomados á força e cujas equipagens – oh! crueldade inaudita! – foram encerradas em um navio, sem provisões, sem velas, sem botes, e deixadas, assim, ao abandono, em pleno oceano, á mercê das ondas, no maior e no mais cruciante dos infortunios... (15)

Nada mais encontrando para saque, prosseguiram em sua rota em direcção ao Brasil, tendo suportado na zona torrida calor intensissimo e outros incommodos.

Após quatro mezes completos de permanencia no mar e extenuados por tão longa reclusão, transpuseram finalmente a barra de Coligny, na America Austral, e parte do Brasil situada como ficou atraz mencionado, encontrando lá a Villegaignon em uma ilha fortificada de ambos os lados com peças de artilharia – ilha tão deserta e desprovida de recursos que não haveria ninguem capaz de adaptal-a a um logar de habitação (16).

(15) Sobre taes actos de pirataria e a viagem, vide Lery, obra citada, tomo I, cap. II, p. 45g, ed. Gaffarel.

(16) Villegaignon installou-se primeiro na ilha *Ratier*, hoje fortaleza da Lage, passando-se depois para a ilha de *Serigipe*, a que chamou de *Coligny* e que tem actualmente o seu nome,

O rio (17) em que se acha localizado esta ilha é de belleza incomparavel, amplo e muito adequado aos grandes navios, podendo-se nelle penetrar a qualquer hora do dia ou da noite sem o mínimo receio de perigo. A entrada, em que se veem dois altos picos, tem de largura meia legua e doze braças de profundidade. Sua extensão é superior a dez leguas e em certos logares de tal modo se amplia que mede de seis a sete leguas de largo. E' semeado de ilhas e ilhotas de singular belleza e recebe afluentes em que abundam grandes peixes. Dir-se-á mesmo que é o mar que alli se espraia.

Na ilha a que alludimos residia Villegaignon, pois escolhera-a para a construcção do forte a que se compromettera para com Henrique II.

E porque chegamos a este ponto parece-nos conveniente referir por quem e a que época foi descoberta esta região, visto que muitos leigos em taes assumptos suppõem haver sido Villegaignon o primeiro que ali esteve, quando a verdade é que, depois de Christovam Colombo, em 1497, a expensas do rei de Hespanha, haver descoberto a parte occidental, Americo Vespuccio (18), então aos serviços do rei de Portugal, reconheceu, em 1500 mais ou menos, o continente do Brasil a uma grande distancia das Indias Occidentaes.

(17) Os Francezes pensavam que a bahia de Guanabara era a foz de um grande rio.

[18]Referencia não ao descobridor Pedro Alvares Cabral mas á expedição exploradora de André Gonçalves, que aportou ao Rio de Janeiro a 1 de janeiro de 1502 e da qual fazia parte o cosmographo florentino Americo Vespuccio.

Os Portuguezes, na sua preocupação de se apossarem dos melhores portos e enseadas, erigiram em Coligny uma torre de pedra, á qual denominaram Janeiro por haverem ali entrado nos primeiros dias desse mez; e nella deixaram elles alguns pobres condemnados á morte, para que se familiarizassem com os habitantes do paiz e apprendessem a sua lingua.

Os desterrados, porém, após certo tempo, comportaram-se tão mal em relação aos indigenas que alguns delles foram por estes assassinados e, até, comidos, e os outros tiveram que fugir para mar alto num pequeno barco. Depois os Portuguezes não ousaram mais ali habitar, porque o seu nome se fez até hoje tão odioso que para os indios é uma grande delicia o comer a cabeça de um Portuguez.

Mais tarde, em 1525, talvez, os armadores Francezes de Honfleur enviaram lá os seus navios, tratando com os naturaes do paiz e comprando-lhes pau-brasil, pelles e outras mercadorias. Estabeleceram com elles uma alliança que ainda perdura e teem continuado todos os annos a navegação.

E' claro, portanto, que Villegaignon não foi o descobridor desse continente nem o seu primeiro habitante estrangeiro.

Feita esta rapida digressão, aliás indispensavel á boa intelligencia da presente historia, remetemos aos livros que tratam do assumpto aquelles que desejarem aprofundar-se no mesmo.

O desembarque dos fieis

Voltemos, pois, á comitiva de que iamos falando.

Chegados ao anhelado porto de Coligny, desembarcaram a 7 de março de 1557, tendo sido recebidos por Villegaignon e os demais com grandes demonstrações de regosijo, pelo concurso efficaz que lhes iam prestar. Foram dadas salvas, accesas fogueiras e não foram poupadas outras coisas de uso em momentos festivos.

Os ministros apresentaram as suas credenciaes assignadas por J. Calvin e que, outrosim, davam testemunho a respeito dos outros da companhia.

Villegaignon, após ter lido as cartas, regosijou-se e ficou sobremodo satisfeito com saber que tanta gente honesta e virtuosa tomára a suá empresa em alta consideração e estima. Declarou lhes então abertamente o que o induzira a abandonar os prazeres e delicias

da França para viver de privações em um paiz onde, nos annos precedentes, estivera tão mal acompanhado, circumstancia que o levára a supplicar o favor e a coadjuvação dos pastores de Genebra. E como tal concurso não lhe fôra recusado, como era patente de tão grande numero de pessoas enviadas, sentia-se por isso mesmo ainda mais obrigado para com os de Genebra, de quem esperava a continuação de seu auxilio, dada a boa vontade que haviam manifestado desde o principio, o que agradecia com muito affecto.

Aos ministros e seus companheiros pedio estabelecessem o regulamento e a disciplina da Igreja, segundo a fórma da de Genebra, á qual elle promettera, em plena assembléa, submeter-se e bem assim toda a sua companhia.

Quanto ao governo civil, formou Villegaignon um Conselho, constituindo-o de dez pessoas das mais respeitaveis e cujo presidente era elle proprio. A este Conselho teriam que ser levadas todas as questões religiosas ou profanas, afim de serem pelo mesmo julgadas e dirimidas (19).

[19]Lery dá o discurso pronunciado neste momento por Villegaignon (1- 87, eci, Gaffarel).

Reputaram os ministros excellente esta organização e exhortaram a companhia a permanecer sempre modesta e serviçal, sem esquecer o facto que alguns delles tinham abandonado as suas mulheres, os seus filhos, os seus haveres, que todos deixaram a patria natal para gozar dos beneficios da prégação do Evangelho; e accrescentaram que, si Deus lhes concedesse a graça de se estabelecerem definitivamente nesse logar, prefeririam antes supportar todos os dissabores e soffrimentos do que esmorecer e recuar do seu posto.

Villegaignon fez sentir aos ministros que, no concernente á Igreja, queria fosse ella conforme a disciplina e ordem da de Genebra, á cuja ampliação vinha dedicando a sua vida e os seus bens, e que não desejava regressar mais á França.

Em ouvindo estas asserções, todos se possuiram de forte animo e encorajados para o cumprimento dos seus deveres, maxmé os pastores para o exercicio do seu ministerio em que se revezariam todas as semanas, pois teriam que prégar uma vez por dia e duas aos domingos (20).

Os officiaes de profissões diversas applicaram-se desde logo, com o maximo enthusiasmo, ás obras da fortificação da ilha, trabalhando mesmo como serventes, circumstancia a que não ligaram a menor importancia tal a confiança que depositavam nas promessas de Villegaignon.

(20) No concernete ás primeiras impressões dos ministros genebrinos, vide as cartas dos mesmos a Calvino (Opera XVI, 433-440).

Ambição de Cointac e divergencias sobre a Eucharistia

Ora succedeu que um dos membros da comitiva dos ministros - e eis a causa das perturbações que se seguem, de nome Jean Cointac (21), academico da Sorbonne, de certa illustração, impellido pelo desejo insensato de passar por mais sabio que aquelles, pretendia a Superintendencia do Episcopado, allegando que o logar lhe fôra promettido em França. Foi, porém, embargado na sua estulta aspiração e perdeu a estima de toda a companhia.

(21) Jean Cointac-Lery chama-o Cointa, appellidado Hector (Lery, p. 91).

Dahi o odio mortal que votava aos ministros, a quem procurava amesquinhar e ridicularizar em todas as controversias e prégações, que epilogava rigorosamente para dar-se ares de entendido.

Elle tinha, com effeito, certa apparencia de virtude, era eloquente e persuasivo, quer discorrendo em francez quer em latim. Além disto, adaptava-se ao paladar de cada um, motivo por que Villegaignon o ouvia com particular interesse, prestando attenção ás muitas questões frivolas e nescias que trazia a publico, com o intuito de parecer superior e mais i-

doneo do que os pastores legitimamente eleitos por suffragio dos irmãos, consoante a fórmula da Igreja Primitiva.

Chegado o dia da celebração da Santa Ceia, pois o Conselho resolvera que esta se realizasse uma vez por mez, Cointac, após haver perguntado que liturgia se pretendia observar, e onde se achavam as vestes sacerdotaes e os vasos sagrados, affirmou, questionando, que, neste sacramento, era conveniente e indispensavel, além de outras coisas, o uso de pão sem fermento e de vinho misturado com agua, porque assim fôra praticado por Justino Martyr, Irineu e Tertuliano.

Os ministros, porém, mostraram a inanidade do argumento e declararam, de modo peremptorio, que nas Escripturas não havia apoio para semelhante innovação e que o dever do crente é manter-se rigorosamente adstricto ao que Jesus Christo fez e ensinou e ao que os seus discipulos nos deixaram por escripto. Em agindo de maneira diversa, será rebelde e jámais bom filho. De resto, lembraram a promessa que lhes fôra feita em França e reiterada em Coligny - a de que viveriam segundo as leis da Reforma existente no lugar de onde partiram.

Sem embargo, Villegaignon juntou-se a Cointac, declarando que os antigos eram mais autorizados que os theologos modernos ; e exigio energicamente que tal mistura se fizesse, porquanto Clemente, que convivera com os apóstolos, a effectuára. Ponderou-lhes, ainda, que a sua vontade não podia ser contráriada, por isso que elle era o chefe da companhia.

Os pastores e a maioria da assembléa não concordavam que esta pratica fosse obrigatória e entenderam que não deviam mesmo admittil-a para evitar que tal superstição occasionasse, no futuro, sérias perturbações á Igreja, tanto mais quanto Villegaignon e Cointac haviam asseverado que o pão, depois de pronunciadas as palavras de consagração pelo ministro, era santo e que, consequentemente, qualquer parte que do mesmo sobejasse devia ser preciosamente conservada como reliquia sagrada.

Verificou-se isto antes da Santa Ceia e momentaneamente os animos se acalmaram. Ambos os partidos fingiram estar de accordo, afim de que a celebração da Eucharistia não fosse relegada para outra occasião.

Ora Villegaignon e Cointac, á vista da opposição dos ministros sobre este ponto, e sabendo que não podiam constrangel-os a confessarem que era necessario e dependente do sacramento a addição de agua ao vinho, ordenaram secretamente ao dispenseiro que fizesse tal mistura numa proporção rázoavel,

Os prégadores haviam, em seus ultimos sermões, exhortado a que todos se examinassem a si mesmos antes de aproximar-se da Mesa da Communhão, no que foram attendidos. Corpo, porém, Coíntac assumira uma attítude tão estranha que nem parecera um Reformado, e houvesse mesmo referido a alguns que ella dar-lhe-ia certo beneficio em França, um dos ministros pedio-lhe fizesse, em publico, a sua profissão de fé, afim de que se dissipasse a má impressão do seu proceder, ao que annuo immediatamente, ficando todos sobremodo satisfeitos, maximé porque nesse mesmo dia (22) Villegaignon confirmou a sua fé perante toda a congregação.

(22) A Santa Ceia foi celebrada pela primeira vez, em terras da America, no forte de Coligny, em um domingo, 21 de março de 1557 (Lery, ed. citada, 1-90). Villegaignon foi o primeiro a apresentar-se à Meza do Senhor e, de joelhos, recebeu o pão e o vinho das mãos do ministro (p. 97), fazendo, então, duas preces em alta voz, que Lery registrou em seu livro (1-90).

Entretanto, a autoridade dos ministros e o facto de haverem estes se dirigido a elle sómente irritaram de novo a Cointac, o qual guardou em seu coração um profundo resentimento.

Participaram, pois, da Santa Ceia, Villegaignon, Cointac e os que pareciam dignos de ser a ella admittidos, fazendo todos os mais vivos protestos de que esqueceriam as quizilias havidas.

Dias depois queixou-se Cointac particularmente a Villegaignon da humilhação por que o ministro o fizera passar em plena Igreja. E, despertando as questões que estavam já co-

mo adornecidas, concertaram ambos um meio de calumniar a instituição desta, comparando os antigos com os modernos, marcando-lhes as diferenciações e formando um ritual cujos preceitos deveriam ser observados á risca. Não hesitaram, até, em declarar que a Igreja de Genebra era mal governada e dirigida por herejes, isto porque entendiam que ella, pelos seus ministros, os havia censurado.

Não aceitavam todos os pontos do Papado, em que viam muitos erros. Dos Allemeães queriam conservar o que se lhes afigurasse bom, accrescentando e tirando á doutrina segundo lhes ditava a sua fantasia.

Era do seu novo estatuto que o Baptismo se fizesse tambem com sal, oleo e saliva ; que, ficando o pão da Santa Ceia consagrado pelas palavras sacramentaes proferidas pelo ministro, não se devia inquirir si o commungante exercia ou não a fé christã ; que era necessario levar as sobras deste pão aos doentes e aos que as solicitassem ; emfim, artigos outros que seria enfadonho descrever.

A imposição determiinou graves discordias, que augmentavam dia a dia.

Este mau começo foi assás favorecido por alguns que lhe não previam as futuras consequencias, pois advertiram a Villegaignon que em França havia rumores de que os Lutheros estavam fazendo a travessia em flotilhas e que, portanto, era bem possivel conseguissem persuadir o rei a causar-lhe muitos desgostos, taes como : tomar-lhe os navios, confiscar-lhe os bens e impedir que alguém lhe prestasse socorro.

Villegaignon reflectio demoradamente sobre isto e, parecendo-lhe que a coisa poderia vir a consummar-se, resolveu por-se ao abrigo de tal eventualidade.

Passados alguns dias realizaram-se dois casamentos, havendo comparecido à cerimonia a maioria da officialidade e dos marujos. Era a semana de Richier e o thema sobre que ia discorrer nesse dia era o baptismo de João.

O orador entrou francamente no assumpto e, com a maior energia, insistio em asseverar que aquelles que não trepidaram em corromper este sacramento com a introdução de sal, oleo e saliva eram imprudentes e falsarios.

A prédica scandalizára immenso a Villegaignon, o qual violentamente encolerizado contradictou ao ministro perante a congregação, sustentando que os que haviam feito taes accrescimos eram melhores que Richier e seus companheiros e que elle, Villegaignon, não estava disposto a abrogar o que se observava ha mais de mil annos para acceitar uma nova cerimonia calvinista. Disse ainda outros insultos e revelou propositos malignos.

Resolveu não mais assistir aos sermões e ás reuniões de oração e, até, de abster-se de comer com os ministros.

Procurou Richier explicar-se para rebater as calumnias que lhe eram assacadas por Villegaignon e Cointac, porém não conseguiu que o escutassem.

Então os mais influentes, em extremo desgostosos com estas discordias, entenderam-se com ambas as partes, ponderando-lhes muitas coisas, e persuadiram-n'as a se harmonizarem, o que Villegaignon e Cointac prometteram fazer, comtanto que se coordenassem os pontos em litigio, os quaes deveriam ser submettidos ás Igrejas da França e da Allemanha, para que ellas decidissem a respeito. E, no sentido de chegar-se a um resultado mais seguro, escolheram o mais joven dos ministros, isto é; a Chartier, para ser o portador da consulta; mas a verdade é que isto não passava de um ardil de Villegaignon e Cointac para se desembaraçarem deste prégador, como o almirante o confessou mais tarde.

Quanto a Richier, este ficaria e teria liberdade para prégar, desde que se abstivesse de falar sobre os sacramentos e os demais artigos em questão.

Posto que iniquas e muito prejudiciaes, a congregação, todavia, acceitou estas condições por amor à paz e porque esperava fossem inviolavelmente respeitadas as decisões procedentes da França e da Suissa.

Porém Villegaignon e Cointac tinham já o proposito de não acceitar coisa alguma que fosse resolvida por estas Igrejas e o de submeter-se unicamente à Sorbonne de Paris.

Si Villegaignon quizesse logo impedir a prégação do Evangelho, como fez mais tarde,

estas contendas não lhe causariam estorvo, por isso que ainda se achavam ancorados no porto os navios que conduziram a comitiva. Reconheceu, entretanto, que, si a recambiasse para a França, em cumprimento á sua promessa, importaria esse acto não só grande deshonra, mas também grave inconveniente, porque ver-se-ia quasi sòzinho para enfrentar os Portuguezes e os selvagens.

Com o intuito de encobrir o seu mau designio e de não perder a boa reputação que a sua correspondencia lhe conquistára em França, Villegaignon a todos affirmou que outra coisa não desejava sinão a paz e a união da Igreja e bem assim que assumia o compromisso de esperar a resolução dos pontos controvertidos.

Entrementes, e para ractificar a alliança de perfeita amizade com Villegaignon, pediu e obteve Cointac em casamento a uma joven, natural de Rouen, de quem se enamorára, e a qual herdára alguns bens de um tio que fallecera no Brasil, mas teve que sujeitar-se á condição de que não a deixaria nunca passar privações. Richier foi o celebrante deste casamento na Igreja.

Appropinquou-se o momento da partida dos navios, num dos quaes seguiam Chartier e outros companheiros, como portadores dos artigos em questão e a resposta aos quaes deveria ser enviada seis mezes depois da sua chegada á França. Quando Villegaignon e Cointac viram que estes não podiam mais regressar aos que com elles ficavam em terra) declararam-lhes então terminantemente que não acceitariam nenhuma resolução que não procedesse da Sorbonne ; e, contra o parecer de Cointac, addicionou, ainda, Villegaignon outros artigos, a saber: a transubstanciação, a invocação dos Santos, as orações pelos mortos, o purgatorio e o sacrificio da Missa.

Desde esta data (23) Cointac começou a suspeitar de Villegaignon, por faltar ás suas promessas tantas vezes reiteradas.

O trabalho dos pobres operarios era augmentado na razão directa da fome que experimentavam.

Alguns delles animaram-se a reclamar contra este estado de coisas, mas foram repellidos tão grosseiramente e com tantas ameaças que se não atreveram dahi em diante a formular nenhuma queixa.

Limitaram-se apenas a retirar-se para du Pont e Richier, sob cujo patrocínio haviam ido para a nova terra. Por seu turno Richier e du Pont, vendo-se completamente ludibriados pelo almirante, lastimavam a sua propria condição.

Este desdenhava os sermões de Richier e, caprichoso, exigia que pregasse ora sobre um assumpto ora sobre outro, ao que Richier sempre se recusava.

Assim, Villegaignon absteve-se de comparecer aos serviços divinos, no que foi seguido por alguns da companhia, pois uma grande parte entendia que o que se passára era tão pernicioso e mau que a causa da Religião estava, ali, irremediavelmente perdida.

(23) 4 de junho de 1557, dia da sahida de Chartier da bahia da Guanabara.

Odio de Villegaignon contra Thoret

Devemos, outrossim, relatar um facto posterior à sahida dos navios.

Villegaignon nomeára commandante do forte a Thoret, homem de vivaz intelligencia e que havia seguido a carreira das armas em Piemonte, o qual durante algum tempo foi muito estimado por aquelle.

Quando, porém, o almirante se certificou que Thoret não lhe dava a sua solidariedade nas questões de ordem religiosa, converteu a sua sympathia em desamor, occasionando-lhe muitos desgostos.

Mas passemos ao facto: Tendo-se apresentado na ilha diversos selvagens para receberem o pagamento de alguns escravos que haviam vendido a Villegaignon, este encaminhou-os ao recebedor de mercadorias vindo de Paris, La-Faucille, com quem, entretanto,

não puderam entender-se, pelo que procuraram de novo o almirante, obtemperando-lhe que desejavam retirar-se e que, por conseguinte, ordenasse lhes fosse realizado o embolso a que tinham direito.

Villegaignon encarregou então a Thoret de regularizar o negocio.

No desempenho da sua missão, Thoret observou a La-Faucille que elle agia mal, compromettendo-se por coisa de somenos importancia.

La-Faucille não recebeu de bom humor o reparo de Thoret e ambos se encolerizaram, sendo que este, provocado pelas respostas offensivas daquelle, teve que desmentil-o em plena face.

Ora o Conselho havia estabelecido uma lei segundo a qual ninguem podia desmentir a outrem que lhe fosse igual ou superior na escala social, sob pena do infractor ter que fazer reparação de honra, de joelho em terra e de bonet na mão, perdendo, ainda, por tres mezes, o emprego que tivesse.

Villegaignon e Cointac, testemunhas presencias do desmentido, instigaram La-Faucille a exigir satisfação de honra segundo a lei, embora este se inclinasse antes a reconciliar-se, como, de facto, era a sua disposição. Elles mesmos lhe redigiram a queixa e, no dia do Conselho, chamaram a Thoret, o qual muito estranhou a malevola interferencia de Villegaignon num caso que, ao contrario de esforçar-se por desnaturar ao ponto de parecer que era a um tempo juiz e parte, devera elle ser o primeiro a solucionar particularmente, visto que occorrera por questões de seus serviços.

Perante o Conselho confessou Thoret haver, com efeito, desmentido a La-Faucille e cujo acto ainda mantinha, tanto mais quanto fôra elle o provocado, e isto em demasia. Requeria, pois, se interpretasse a letra e o espirito da lei sem quaesquer paixões, porquanto estava prompto a submeter-se a ella.

O Conselho entendia que ambos eram delinquentes e que se deviam nomear dois arbitros para decidirem a questão. Seu parecer era que a lei, neste particular, devera ter outra amplitude, visto como, si offensor e offendido eram culpados, seria logico que as penas da mesma fossem applicadas a um e a outro.

Villegaignon e Cointac recusaram o seu apoio ao alvitre suggerido e insistiram em reclamar que se cumprisse a lei, applicando-se as suas penalidades a Thoret que confessára a injuria. Villegaignon, presidente do Conselho, lavrou, em seguida, a sentença condemnatoria de Thoret, contra o voto da maioria dos que o compunham,

Valoroso e habilissimo no manejo das armas, Thoret relutou muito em se conformar com a sentença, que reputava iniqua e procedente de seus inimigos.

Cedendo, entretanto, ás supplicas de Richier e du Pont, que o exhortavam a supportar com paciencia o mal que os impios lhe faziam, e para não occasionar perturbações á Egreja, submetteu-se á sentença e cumpro as suas penalidades.

Destituído Thoret do commando da fortaleza, Villegaignon e Cointac zombavam dos Genebrinos, qualificando-os de pusillanimes ; e lisongeavam-se de haver obrigado Thoret a fazer publica confissão de delicto, coisa por elles, seus inimigos, considerada um estigma por demais infamante.

Tão frequentes zombarias de tal modo irritaram e desgostaram Thoret que este praticou a temeridade de atravessar secretamente um braço de mar de duas leguas sobre tres pedaços de madeira ligados entre si á guiza de balsa, para embarcar em um navio breton, ancorado num porto a trinta leguas de distancia, e o commandante do qual o acolheu com muita sympathia.

Villegaignon afflige a Egreja

Si as circumstancias o favorecessem, Villegaignon prosseguiria nas crueldades que desejava executar e a que esta dera inicio ; porquanto a paciencia e a modestia dos pobres fieis augmentavam de tal maneira sua audacia que não pensava sinão em subverter e destruir a ordem ecclesiastica e civil que elle proprio estabelecera e confirmára com tamanho in-

teresse. Declarou nullo o Conselho, passando elle a resolver tudo segundo os desejos e caprichos do seu coração ; e mais : prohibio absolutamente a Richier de prégar e de reunir os crentes para oração, à menos que o ministro se dispuzesse a rectificar a formula das preces, as quaes, segundo o almirante, eram erroneas.

Evidentemente, o seu fim era constranger os fieis, por medidas extremas, a acceitarem uma nova religião que o seu cerebro architectára.

A desolação da Igreja era indescritivel, maximé porque estes males sobrevinham num momento em que os fieis não podiam regressar para a França.

Frequentes vezes solicitaram a Villegaignon que lhes permittisse reunirem-se publicamente enquanto aguardavám a chegada dos navios, allegando que em sã consciencia não podiam retirar-se sem diffundirem entre os selvagens a luz do Evangelho.

Jámais, porém, foram nisto attendidos.

Villegaignon recusou-lhes, outrosim, as passagens, dizendo lhes que eram tão miseraveis e abjectos que as proprias ondas se negariam a transportal-os e que, por consequente, elles occasionariam a perda infalível do navio em que partissem.

Si alguém se tem achado em perplexidade, estes fieis o estiveram mais que quaesquer outros, pois nenhuma das suas justas pretenções mereceram o despacho desejado.

Neste comenos, chegára do Havre um navio francez, que não pertencia a Villegaignon nem aos seus alliados.

O commandante revelou-se muito favoravel a du Pont e Richier e entre elles ficou ajustado o preço de cem escudos pela passagem de dezeseis pessoas e por cuja importancia se obrigava du Pont.

Restava, entretanto, obter as licenças, sem o que o embarque não se poderia effectuar.

Villegaignon, sabendo que o commandante concedera as passagens, ficou sobremodo indignado e, em represália, quiz impedil-o de carregar o seu navio é de traficar com os selvagens. Estes, porém, haviam já promettido ao commandante e aos officiaes que lhes forneceriam tudo o que requisitassem.

Negou, ainda, as licenças pedidas por du Pont e Richier, allegando que elles se comprometteram a fazer-lhe companhia até a chegada dos seus navios. Mas responderam-lhe que essa razão estava prejudicada, visto que elle violára as primeiras promessas; prohibindo-os, contra a sua própria fé, de prégar e de se reunirem em commum para oração, o que importava privar-os do maior bem que podiam desejar. E accrescentaram que, como dias antes manifestasse propositos sinistros, ameaçando-os de exterminal-os, resolveram então adoptar o expediente mais satisfatório ao almirante e a todos retirarem-se para a França pelo navio que acabára de chegar. De resto, disseram-lhe que era coisa bem estranha que ha pouco quizesse expulsal-os e que, entretanto, agora os pretendesse reter.

Concluíram, pois, fazendo-lhe sentir que queriam voltar para a França com licença ou sem ella, porque assim era necessario; e, empregando palavras rudes e incisivas, declararam-lhe que, visto haver-se elle apartado da fé, não mais o consideravam suzerano e, sim, apostata, tyranno e inimigo da Republica.

Em os ouvindo falar tão audaciosamente, Villegaignon não só lhes concedeu as licenças na forma em que as desejavam, mas intimou-os, até, a deixarem a ilha o mais depressa possível. (24) .

(24) Os fieis sahiram de Coligny e passaram-se para o continente em fins de outubro de 1557.

Quando se retiravam, não houve mala ou embrulho que Villegaignon não revistasse, com o intuito de apanhal-os em flagrante delicto de furto. As ferramentas dos operarios e os livros de Richier e du Pont, tudo arrebatou sob o fundamento de que fôra adquirido com o seu dinheiro, segundo uma das leis que o Conselho em tempo estabelecera.

A bagagem, entretanto, não pode ser transportada toda de uma vez, motivo por que dois operarios tiveram que aguardar segunda viagem do barco, no ponto de embarque, ao

lado das que lhes pertenciam. Um delles era torneiro e o outro marceneiro.

Em poder daquelle encontrou Villegaignon pequenos objectos de ébano torneados, os quaes o pobre homem fizera nos seus momentos de lazer, quando não trabalhava para o almirante, afim de poder arranjar algum dinheiro em França por ocasião do seu regresso, pois tinha filhos a sustentar.

Villegaignon, que não podia mais conter a sua ira, chamou de ladrão ao torneiro e por duas ou tres vezes levantou contra elle o punho para o maltratar.

Surprehendido, todavia, por um de seus familiares, conteve-se e limitou a sua vingança a quebrar com os pés taes artigos, ao mesmo tempo que blasphemava o nome de Deus.

Acalmada a colera, Villegaignon cahio em si, reconhecendo o grande mal praticado contra o operario e que o facto daria á posteridade um testemunho da sua crueldade, além de evidenciar á companhia que, si elle se imaginasse o mais forte, teria decerto passado todos ao fio da espada.

No presupposto de que a lembrança desta sua iniquidade se apagaria caso indemnizasse com alguma coisa o damno do torneiro, assim ordenou que se fizesse.

Os gentis homens e grande numero dos amigos e servos de Villegaignon muito se entristeceram com a superveniencia destes acontecimentos, considerando que haviam sido por elle cathechizados e instruidos, que com elle resistiram ás primeiras contrariedades, que, enfim, eram testemunhas dos desgostos, rebelliões e lutas que ocorreram desde o começo e de cujos males o Senhor a todos livrará.

Mas o almirante, vendo-os muito afeiçoados a Richier, procurou dissuadil-os de seguirem a heresia dos modernos, que, consoante dizia, repugnava, *in totum*, ás tradições dos primeiros padres da Igreja, os quaes haviam deixado um systema absolutamente conforme aos preceitos dos Apostolos. Assim, por meios suasorios, intentava attrahil-os aos deveres religiosos. Como, porém, este recurso não désse resultado positivo, ameaçou a diversos, maltratou a alguns e a outros forçou-os a irem descobrir terras longinquoas. Em resumo, não houve meio de que não lançasse mão para os obrigar a mudar de convicções, esperando obter pela prepotencia o que não lograra alcançar pela persuasão.

Cointac, expulso de Coligny, amaldiçoa o dia e a hora em que conheceu a Villegaignon !

Du Pont, Richier e os seus companheiros estavam já no continente, a meia legua de distancia do forte de Coligny, numa aldeia (25) construida mezes antes por alguns pobres Francezes que Villegaignon expulsára da ilha como bocas inuteis e entre os quaes se contava o proprio Cointac !

Este apercebera-se do mal occasionado pela sua, desenfreada ambição, quando se vio entregue ao abandono e exilado como pessoa de nenhum valor entre os selvagens, e isto por Villegaignon, de quem esperava ser cumulado de distincções e recompensas.

(25) Briqueterie (Olaria), à esquerda de quem entra em Guanabara; esclarece Lery.

Por isso, nesta nova phase, amaldiçoava, com grandes imprecações, o dia e a hora em que havia conhecido o almirante.

Du Pont, Richier e os demais alimentavam-se, ali, de raízes, fructas e legumes que os selvagens lhes traziam a troco das suas roupas, pois aquelles não tinham mercadoria alguma nem os meios de adquiril-a, até a partida do navio.

Villegaignon procura embaraçar o embarque dos Genebrinos

Por outro lado, Villegaignon trabalhava no sentido de impedir que o commandante os embarcasse, não trepidando de, com este objectivo, accusar tanto a officiaes como a alguns marinheiros de crimes enormes. Resultou dahi uma sublevação de uns contra os outros:

queriam os officiaes manter a sua promessa, porque o seu cumprimento dar-lhes-ia não pequeno resultado pecuniario ; contrarios a ella eram os marinheiros, visto não terem parte alguma nesse beneficio.

Entretanto, vendo frustrado o seu plano, e reconhecendo que em vão se esforçava por mudar as convicções religiosas que implantára em seus subalternos, Villegaignon buscava ensejo de praticar um acto violento, afim de intimidar-os e movel-os a deixarem a pertinacia das suas opiniões.

Villegaignon maltrata os seus mordomos por serem calvinistas

Dirigindo-se ao seu mordomo, que o acompanhava desde o embarque em Honfleur e que o servia fielmente em todas as conjuncturas, interrogou-o sobre a sua attitude e disposições no momento, Explicou-se este sufficientemente e de modo o mais respeitoso lhe supplicou licença para se retirar com os outros para a França, assim por saber que os seus serviços deixaram de ser-lhe agradaveis, como em razão de não existir mais na nova terra siquer um resto de Igreja.

Villegaignon discutio longamente o assumpto e ameaçou de mandar açoitar o mordomo e de prendei-o com grilhões.

Por fim, cançado dos seus reiterados pedidos, tirou-lhe as roupas que lhe havia dado e expulsou-o brutalmente da fortaleza, sem tomar na mínima consideração os seus tres annos de serviços abnegados.

Oito dias depois o substituto do mordomo, porque censurasse aos que blasphemavam e empregasse o melhor e mais ingente de seus esforços em moralizar aquelles sobre quem exercia autoridade, embora evitando os castigos de pauladas e algemas, foi accusado de ser um ministro, o que lhe valeu muitas injurias e maus tratos, a perda da maior parte dos seus haveres e a sua expulsão violenta da ilha. Este procurou tambem a companhia de Richier e du Pont, á qual se unio.

Crueldade de Villegaignon

Outros factos igualmente condemnaveis merecem registro.

Villegaignon assalariára diversos artezãos por dois annos, no transcorrer de cujo praso alguns morreram extenuados pelo trabalho e outros pela extrema escassez de alimento. Os de constituição mais robusta puderam resistir a tudo isto, mas, emquanto esperavam a terminação daquelle praso, um dia parecia-lhes um anno. Não tinham descanço e eram obrigados a trabalhos pesadissimos.

Sua alimentação consistia apenas de farinha, que lhes era distribuída em proporção insufficiente – uma quarta parte da necessaria. E mais veneno do que agua era a que bebiam, por isso que procedia de uma cisterna suja e infecta, Um delles, não podendo continuar a passar desta maneira, pediu a Villegaignon que o deixasse ir viver entre os selvagens, o que lhe foi permittido sob condição de renunciar aos seus salarios, devendo o acto ser legalizado perante o notario, ao que o operario se submetteu, pois desejava obter a sua liberdade.

Permaneceu elle entre os indígenas algum tempo, os quais o alimentavam a troco de peças do vestuario. Quando, porém, nada mais lhe restava que a camisa, não lhe forneceram mais alimento e expulsaram-n'o.

Ficou, pois, o pobre homem reduzido a extrema penuria, comendo herva e quaesquer fructas, sem inquirir si lhe eram ou não prejudiciaes á saude.

Acosado pela miseria, implorou por diversas vezes a Villegaignon que pelo amor de Deus se compadecesse delle.

O almirante, porém, jámais attendeu ás suas instantes rogativas.

Certa manhã, sob uma arvore, foi o infeliz encontrado morto á fome...

No continente os Genebrinos experimentam ainda grandes provações

Entretanto, Richier, du Pont e os seus companheiros estavam no continente em circunstancias muito criticas, quer pela falta de comestiveis, quer pela sua longa estadia no mesmo, a que a demora da partida do navio os obrigava ; e a situação era, ainda aggravada pela exigencia feita pelos marinheiros, em virtude da qual cada um teria que arranjar uma provisão de dois alqueires de farinha, sob pena de não consentirem no seu embarque.

Mas era tão intenso o seu desejo de libertação do jugo despotico do almirante, que de boa, vontade alienaram parte das suas roupas para attender á imposição dos marujos.

Emquanto isto se passava, alguns subalternos de Villegaignon, que de quando em vez iam ao continente, começaram a fomentar intrigas : a Richier e du Pont diziam que o almirante lamentava não haver sacrificado todos os dezesseis e que, si lhe cahissem nas mãos outra vez, não escapariam á sua vingança ; a Villegaignon referiam que du Pont e Richier se recriminavam a si mesmos pela sua pusillaniedade em terem supportado tantos aggravos de um tyranno pestillento, a quem não se devia deixar que reinasse por mais tempo, accrescentando, ainda, que estes huguenottes promettiam voltar bem acompanhados e equipados para o expulsarem e aos seus cumplices.

Os delatores constituem verdadeira praga, que enfraquece as Republicas e os Governos, e aquelles de que falamos irritaram immenso a ambas as facções, pois conseguiram fazer-se acreditar.

Aproximando-se o dia da partida de Richier e du Pont, previo Villegaignon que elles podiam causar-lhe grandes prejuízos e annullar-lhe, em França, a boa fama que adquirira uns annos precedentes. Assim, e para obviar a este maleficio, deliberou catalogar certos pontos sobre os quaes prégára Richier e responder-os ao sabor dos Papistas, pois sentia-se desamparado pelos Reformados.

E, afim de não trabalhar em falso, instruiu reservadamente um de seus amigos, o qual nestas questões se collocára ao seu lado constringido por sérias ameaças; e encarregou-o de saber de Richier a sua opinião sobre os Sacramentos e outros artigos.

O emissario do almirante, no desempenho da sua missão, procurou o ministro, a quem se revelou muito interessado em instruir-se relativamente a alguns pontos doutrinaes, de que não possuía conhecimentos bastante solidos. Richier, longe de suspeitar das intenções malevolas do inquiridor, acreditou na sua sinceridade e expoz-lhe verbalmente tudo o que pensava sobre as questões propostas.

O consulente reduzio a escripto todas as respostas e, sem as mostrar ao ministro, passou-as ás mãos do almirante, quedas seleccionou a seu belprazer.

Soubesse Richier que o tyranno é que mandára solicitar-lhe tal parecer, e tel-o-ia escripto de proprio punho, com mais ordem e profundeza de doutrina do que o que Villegaignon publicou depois em seu livro (26).

Ora o almirante, temendo, outrosim, que muitos dos seus subalternos o abandonassem por causa dos maus tratos, resolveu afastar dezoito de entre elles, enviando-os num navio ao rio da Prata, a 500 leguas do Polo Antartico, e dando-lhes um pagem para os servir. Nomeára, porém, commandante a um de seus servos mais fieis, e mestre a um marinho que retivera da ultima viagem, homem, aliás, muito immoral e sem nenhum temor de Deus.

Duplo era o fim desta, expedição : separar uns dos outros, como já referimos, e procurar minas de ouro ou. prata para serem offerecidas ao rei Henrique.

(26) Este livro é, talvez, o intitulado – *Ad articulos Calviniae de sacramento eucharistiae traditiones responsiones per N. Villegaignon*, Paris, 1560.

Na vespera da partida foi o adestre denunciado ao commandante como autor de ex-cravel delicto um acto de sodomia praticado contra um mocinho, parente daquelle. O commandante e os tripulantes possuíram-se de forte indignação, notadamente o primeiro porque o crime fôra perpetrado no seu departamento. Sem embargo, depois de interrogai-o e porque persistisse em negar o crime, o commandante mandou apresentai-o a Richier, que con-

tinuava sendo considerado ministro, pois Villegaignon não o depoz nunca desse cargo.

Richier fez sentir ao marinheiro o seu horrendo peccado e mostrou-lhe a severidade da Lei Divina sobre os que fazem taes coisas. Compreendeu, então, o criminoso a enormidade da sua culpa e, temendo os juízos inflexíveis de Deus, tentou, no seu desespero, atirar-se ao mar com o intuito de suicidar-se, declarando ao mesmo tempo que se achava arrependido do acto hediondo que praticára.

Em face desta confissão, o ministro aconselhou o commandante a levar na expedição o marinheiro, a quem devia ameaçar de morte si viesse a demonstrar, que era falso o seu arrependimento.

No dia seguinte sahio o navio, tendo a bordo este marinheiro, cujos serviços eram indispensaveis, porque ninguem, como elle, conhecia as manobras da nau.

A versão de que Richier perdoára o marinheiro a troco de uma barrica de pimenta é absolutamente falsa, como ficou provado pelo depoimento do criminoso. Este, quando voltou da viagem, e no momento da sua morte, declarou perante Villegaignon e mais O de cincoenta pessoas dignas de fé, que tal accusação não era verdadeira ; que, com effeito, havia vendido uma barrica de pimenta a du Pont e Richier, isto quinze dias antes do seu crime, e que lh'a pagaram muito bem, mesmo acima do justo valor.

As testemunhas viveram muito tempo e algumas voltaram á França.

Richier, du Pont e outros fieis regressam á França

Concluído o carregamento do navio, (27) O commandante embarcou du Pont, Richier e os demais fieis, ao todo dezesseis pessoas, e, levantando ferros, a nau fez-se ao largo e deixou Coligny(28), com grande pezar para Villegaignon e tambem para alguns marinheiros que se haviam esforçado por impedir-lhes o embarque e que iam causar-lhes muitos desgostos durante a viagem, de modo a que a recordação da mesma jámais se apagasse da memoria dos passageiros.

Estes marujos eram apenas serventes e não participavam dos lucros da nau e, por conseguinte, oppunham-se ao embarque dos passageiros, tendo em vista os poucos mantimentos existentes a bordo. Demais, dizia-se que Villegaignon subornára cinco dos mais viciados, promettendo-lhes grandes vantagens, afim de entregarem du Pont e Richier á Justiça quando chegassem á França, o que ficou depois provado ser exacto (29).

(27) Chamado *Jacques*.

(28) A 4 de janeiro de 1558.

(29) Lery. em seu livro II – 145, pormenoriza melhor este ponto : «Villegaignon entregou ao commandante do navio um cofre envolvido em panno encerado, contendo cartas para diversos, e no qual, sem que o soubessemos, incluiu tambem um processo por elle feito contra nós, cem ordem expressa ao primeiro juiz a quem fossemos entregues em França, de prender-nos e queimar-nos como hereges.» Mais adiante (II,177), Lery refere que á chegada dos huguenotes, o cofre, com effeito, foi entregue, em França, a pessoas da justiça, as quaes, felizmente, eram favoráveis aos Reformados, a quem trataram melhor do que o podiam fazer, oferecendo recursos aos que se achavam precisa-dos de emprestando dinheiro a du Pont e a alguns outros,

O navio, após ter navegado 25 ou 26 leguás, começou a fazer agua de todos os lados, fosse por ser já muito velho, fosse por estar carregadissimo.

Todos a bordo receavam perecer. A tripulação trabalhava dia e noite para esgotar toda a agua e perdia a esperança de conseguil-o. Commandante, officiaes e passageiros achavam-se tão amedrontados que preferiam estar ainda no porto de Coligny. Na popa havia um barco, de que os marinheiros pensaram logo apossar-se afim de fugirem para terra durante a noite ; mas o commandante e os officiaes, tendo-lhes a tempo descoberto o plano, tornaram as precisas precauções, de modo a frustrar esse perverso designio, Sobreveio ainda outro mal não inferior : a agua penetrára na despensa dos biscoitos, inutilizando a maior parte destes, o que desalentou ainda mais a tripulação. Os passageiros, na sua maioria, vendo o desanimo dos marinheiros, pediram ao commandante que lhes dêsse o barco para alcan-

çarem a terra, ao que se recusou peremptoriamente, por isso que seria grande o seu prejuízo si elles desembarcassem.

Entrementes, communicaram ao commandante que era possível dar sahida a toda a agua e suggeriram-lhe a conveniencia de mandar embora alguns passageiros para darem logar aos outros. Richier e du Pont dispunham-se já a entrar no barco, quando a isso foram obstados pelo commandante, que os encorajou, affirmando-lhes que tudo iria melhor do que se esperava. Accrescentou, porém, que de boa vontade daria o barco a quaesquer outros passageiros que quizessem voltar para terra, visto serem insufficientes as provisões de boca existentes no navio.

Cinco dos passageiros, entretanto, acceitaram o offercimento do commandante contra o desejo dos seus companheiros, que previam que Villegaignon decerto os maltrataria. Não pensavam deste modo.

Os cinco, mas, ao contrario, esperavam ser bem acolhidos, por isso que jamais offenderam o almirante, a quem sempre serviram com muita dedicação (3o).

Despedindo-se, pezarosos, dos seus companheiros e amigos, e recommendando-se á protecção Divina, tanto os que seguiam como os que voltavam, entraram os cinco huguenotes no barco e, retrocedendo, navegaram com rumo a Coligny, onde tres delles, como passaremos a narrar, perderam a vida pela defesa do Evangelho de Jesus Christo.

(3o) Eis os seus nomes : Pierre Bourdon, Jean du Bourdel, Matthieu Verneuil, André la Fon e Jacques le Balleur. Outrosim, declara Lery (pag. 15o) que elle proprio se decidira a voltar com os cinco ao forte de Coligny, chegando mesmo a entrar no escaler, e só a instancias de um amigo desistiu de voltar com aquelles, proseguindo na viagem a bordo do *Jacques*. A esta sábia resolução devemos a narrativa que elle nos deixou sobre taes acontecimentos.

FIM

OS PROTOMARTYRES

Jean du Bourdel, Matthieu Verneuil e Pierre Bourdon

Aquelles que, no mar, sahiram incólumes de inumeros perigos; aquel-

les que os vagalhões raivosos não ousaram sorver e sepultar no abysmo ; aquelles contra quem nada poude o furor inexoravel de tantas procellas; aquelles que os barbaros se abstiveram de atacar; aquelles que as proprias feras respeitaram : apparecem-nos como exemplos da mais acrisolada paciencia, mostrando-nos, ao vivo, a desumanidade e a crueza inexcedíveis dos falsos crentes e dos apostatas da verdadeira Religião, a barbaria dos quaes assombra pelo seu extremo requinte e excede, em muito, á dos peares selvagens que teem vivido sobre a face da terra.

Já vimos o modo por que, no Brasil, foram tratados os fieis Calvinistas e, mediante este preparo, estamos agora habilitados a fazer deducções acertadas, quanto á execução dos tres martyres que, quaes sellos preciosos, authenticaram com a perda de suas vidas a prégação do Evangelho nesse paiz distante e estrangeiro. A narrativa, feita, aliás, por, pessoa Fidedigna, é confirmada por outras de toda a honorabilidade, que testemunharam os factos e 'na maioria dos quaes tornaram parte. O ponto longínquo em que se desenrolaram não poude occultar acontecimentos tão barbaros quantos memoraveis.

Estejamos certos de que o sangue derramado pelos fieis martyres a seu tempo produzirá os fructos que sempre resultam dos que são immo1ados pela causa sacrosanta de Jesus Christo ; e grande estimulo recebem, por sem duvida, os christãos em geral, cuja fé se lhes robustece, quando veem os seus irmãos possuídos de tanta coragem e intrepidez, em terra e no mar, por sobre as aguas e entre os penhascos, suportando a fome, a sede, a nudez e toda a sorte de privações.

Os cinco huguenotes, ao deixarem o navio, podiam estar a 18 ou 20 leguas da costa, mais ou menos. As despedidas foram sentidissimas de parte a parte e a separação tanto mais dura quanto os perigos eram quasi iguaes de ambos os lados.

Ora, os retrocedentes eram bisonhos em materia de navegação, que desconheciam quasi por completo, pois não haviam apprehendido outra viagem sinão a da França para o Brasil. Apenas sabiam dar a conveniente direcção ao barco para entrar em Coligny ou em qualquer outro porto. Demais, o barco não tinha mastros, nem velas, nem outras coisas indispensaveis ; porquanto, ao descerem do navio, todos estavam ali tão occupados em estancar a agua que lhes não deram o necessario, nem os huguenotes por sua vez se lembraram de reclamar-o – tal a sua consternação nesse momento.

Para solucionarem o problema, á guisa de mastro ergueram um remo, de dois arcos formaram a gavea, das suas camisas improvisaram uma vela e, juntando os cintos de todos, fizeram com elles a escôta, as bolinas, todos os cordames, emfim, da embarcação.

Durante quatro dias remaram em mar bonançoso. A' tarde do quinto, porém, quando pensavam avisinhar-se de terra, grossas nuvens, de subito, adensaram a atmosphaera, sopraram ventos rijos, as vagas tornaram-se furiosas e temíveis, cahia chuva abundante e trovejava. medonhamente. Perderam, então, o rumo e bem assim se viram impotentes para governar o barco, que vogava ao capricho das ondas bravias, e, nesta conjunctura, es navegantes nem se atreviam a içar a vela. A' noite a borrasca augmentou ainda mais e passariam por estreitos e entre rochedos perigosissimos, logares onde o mais habil piloto ter se-ia visto - seriamente embaraçado. Por fim, o mar em furia jogou-os a uma praia dominada por alta montanha. No dia seguinte procuraram em terra agua potave1 e alguns fructos; nada, porém, ali encontraram. Dirigiram-se, pois, a outro lugar, a quatro leguas de distancia, onde acharam agua e se demoraram quatro dias para refazer as suas forças. Vieram ao seu encontro diversos indígenas, que muito se alegraram com a presença dos cinco desafortunados, a quem, mediante roupas, porque muito gostavam das dos Francezes, venderam assás caro raízes e farinha, pois viam que se achavam desprovidos de mantimentos. Oueriam mesmo que se estabelecessem no lugar, ao que os navegantes deixaram de acquiescer, assim pela importunice dos selvagens, como pela tristeza que lhes ia na alma pela falta do convívio dos seus companheiros. Decidiram-se, pois, a sahir d'ali e a buscar, em Coligny, a

companhia dos Francezes, porque sentiam-se melhor entre christãos e pessoas da mesma língua. Dos retrocedentes alguns estavam enfermos, e eram estes que mais interessados se revelavam na partida, porque não podiam recobrar a fraude entre os selvagens isentos de sentimentos christãos. Os sãos não concordavam muito com esta opinião, por preverem que o almirante decerto os maltrataria, pela sua má vontade contra a Religião Reformada. Isto collocou-os em dificuldades durante alguns dias. Os doentes, entretanto, persuadiram aos seus companheiros de um modo tão affectuoso que, sem mais detença, todos deixaram este logar e navegaram rumo de Coligny, distante d'ali – rio dos Vasos – aproximadamente 30 leguas. Os selvagens tentaram oppor-se á sua partida, a qual os desgostou immenso.

Em virtude dos fortes ventos e grandes marés peculiares a essas paragens, gastaram os huguenotes tres dias para vencer as trinta leguas..

Entrados no porto de Coligny, não sem grandes difficuldades e enormes perigos, e mesmo sem terem certeza absoluta si esse era ou não o porto, pois densa era a cerração, entregaram-se a ventilar esta mesma duvida. Desfez-se o nevoeiro e, então, avistaram o forte de Coligny e, no continente, a aldeia dos Francezes existente a pouca distancia da fortaleza.

Desembarcaram logo e encontraram na aldeia a Villegaignon, que fôra lá a negocios particulares.

Apresentaram-se a elle e referiram-lhe as causas determinantes da sua volta e qual o perigo em que haviam deixado a nau que os levára.

Exoraram-lhe, pois, que os recebesse de novo no numero dos seus servidores, tanto mais que, em voltando para os seus serviços, faziam-n'ò porque as suas consciencias não os accusavam de o terem jámais offendido. Accrescentaram, ainda, que prefeririam viver com os Francezes do que entre os Portuguezes ou de voltar para os naturaes do paiz que, no rio dos Vasos, lhes haviam dispensado bom e honesto tratamento; e mais: que, si, por causa da religião, os quizesse rejeitar ou maltratar, devera recordar-se que os mais sabias não tinham ainda decidido os pontos originarias das discussões havidas e que elle proprio não fôra nunca de um só parecer sobre taes artigos nos annos precedentes. Permittiram se, além disto, ponderar-lhe que não eram Hespanhóes, nem Flamengos, nem Portuguezes ; tampouco eram Turcos, atheistas ou epicuristas ; sim, porém; christãos baptisados em nome de Jesus Christo; naturais da França, como bem o sabia. Não eram desertores da sua patria, nem esta às expulsára por qualquer infamia ou acto deshonoroso. Mas alguns delles haviam deixado mulheres e filhos para o servir nessa terra longinqua, onde tinham cumprido o seu dever, tanto quanto lh'o permittiram as suas forças. Finalmente, procuraram o favor do almirante, lembrando lhe que os infelizes atirados a qualquer porto estrangeiro pelas tempestades, os despojados dos seus haveres pela violencia das guerras e calamidades outras, são sempre recebidos com os carinhos dispensados a companheiros ; e taes eram. elles, pois nesse numero deveriam ser arrolados, porque, além da perda de todos os seus haveres, o mar puzera-os em miserrimo estado. Sem embargo – concluíram – offereciam a elle, Villegaignon, os seus serviços e supplicavam-lhe que lhes permittisse viver como seus servos, até que o Senhor Jesus lhes deparasse o meio de regressarem para a França.

Depois de os haver escutado, Villegaignon respondeu-lhes com doçura e honestidade, dizendo que rendia graças a Deus porque os salvára dentre os outros e porque os conduzira em alto mar até o excellente porto de Coligny, a elles que não sabiam governar a embarcação. E, após ter-se informado de tudo o que ocorrera e sobre a sorte do navio, consolou-os e permittio-lhes que vivessem com as mesmas prerogativas e liberdades dos demais Francezes.

Temendo que se passassem para os Portuguezes ou Brasileiros, usou de persuasiva linguagem, asseverando-lhes que com prazer ouvira as causas da sua volta, de que se maravilhava tanto mais por serem verdadeiras, e que mesmo no caso que fossem inimigos, telos-ia recebido em attenção ao que lhes sobreviera e assegurar-lhes-ia a hospitalidade. Observou-lhes, outrosim, que, comquanto elles e os seus companheiros se houvessem retirado descontentes e quasi como inimigos, e, portanto, lhe assistisse o direito de hostilizar-os por

cahirem em suas mãos, estava prompto a esquecer as injurias passadas e a pagar o mal com o bem, entregando a Deus a Vingança, contra os seus desaffectedos. Outorgava-lhes, pois, todas as regalias partilhadas pelos demais Francezes, com a condição, porém, de não revelarem nunca propositos religiosos, sob pena de morte, e de se conduzirem tão prudentemente que lhe não déssem ensejo de maltratai-os.

Villegaignon apoderou-se do barco que, de direito, pertencia aos cinco. E, embora os visse embaraçados para adquirirem mantimentos, jámais lhes restituiu sequer um prego.

Esperançados, todavia, permaneceram em terra, onde começaram a recuperar as energias perdidas, dispersando lhes os compatriotas, servos de Villegaignon, boa acolhida e fornecendo-lhes roupas, viveres e outras coisas, segundo as suas posses.

Mas esta quietude durou apenas doze dias, porque no cerebro do almirante, a partir do momento em que os interrogára, turbilhonavam as mais tetricas conjecturas sobre os informes ministrados pelos retrocedentes, quanto ao navio em que haviam partido os huguenotes.

Radicou-se-lhe a convicção de que tudo o que os cinco narraram era falso e adrede preparado. Via fraude nas palavras dos cinco e acreditou que ella era obra de du Pont e Richier, visto haverem-se retirado do Brasil contra a propria vontade, pois esperavam estabelecer-se definitivamente nessa terra, para gozarem do seu bom clima e como logar de seu futuro descanso. E taes fantasias persuadiram-n'o a crer que os cinco não eram sinão espiões, os quaes iam entender-se com os Francezes que não acompanhavam a sua devoção, para em certa e determinada noite, numa acção conjuncta : os de terra, os' do navio de du Pont e Richier, que elle suppunha escondido á distancia de tres ou quatro leguas, com o reforço dos que elle enviára ao rio da Prata – tomarem de assalto a fortaleza, destruindo-a mesmo e aos que fossem do seu partido.

De tal modo esta opinião dominava o espírito de Villegaignon que a suppoz verdadeira e nella occupava todo o seu pensamento. Desconfiava de seus servidores mais antigos e fiéis, irando-se ora contra um, ora contra outro.

Pela mínima coisa injuriava-os e ameaçava-os com pauladas, grillhões e outros castigos barbaros. Tão desarrazoado era o seu proceder que todos prefeririam que a terra se abrisse e os tragasse, do que supportar um tyranno tal como Villegaignon.

Occupando se, de dia, em maltratar a sua gente, as noites eram-lhe tambem horríveis. Qual sanguinário e os destituídos do Espírito Divino, ás vezes sonhava que o decapitavam e que Richier e du Pont, com grande numero de pessoas, o sitiavam sem lhe propor qualquer accommodação.

Em seu falso presupposto de que os cinco Calvinistas eram traidores e espiões, entendeu que era imprescindível assassiná-os para manter a sua grandeza. Estudou muitos meios para fugir á queixa e recriminações dos homens, a quem desejava convencer que aquelles incorreram em traição.

Entretanto, considerando que isto não se podia provar por simples conjecturas ou verosimilhanças, e que, por conseguinte, si lançasse mão de tal recurso, não haveria como evitar a nota de infamia, mesmo pelos indifferentes em religião, lembrou-se elle que os cinco eram da opinião de Lutero e Calvino e que, como logar-tenente do rei em Coligny, poderia, em face das ordens emanadas de Francisco e Henrique II, exigir-lhes a razão da sua fé, confessada em publico, em que sabia estarem maravilhosamente firmes e que nunca a renegariam embora lhes custasse a vida.

Achára, portanto, o meio de eliminal-os, e até com grande honra para elle, segundo pensava ; porque sabia que a maioria da Côte teria grande prazer no sacrificio dos Reformados.

Isto, porém, é um testemunho inilludível de que Villegaignon, ao contrario do que declarára tantas vezes perante o mundo, jámais teve em seu coração o mínimo temor de Deus e muito menos o desejo de ampliar o reino de Jesus Christo.

Com intuito de pôr em execução o seu maligno projecto, formulou um questionario sobre materia de fé e enviou o aos cinco Calvinistas, assignando-lhes o prazo de doze horas

para que o respondessem por escripto. Os artigos respectivos conhecer-se-ão pela Confissão de Fé mais adiante exarada.

Os Francezes do continente procuraram dissuadir-os de darem as razões da sua fé ao tyranno, que outra coisa não buscava sinão tirar-lhes a vida, e aconselhavam-n'os a se retirarem para os indígenas, d'ali afastados trinta ou quarenta leguas, ou então a se entregarem á mercê dos Portuguezes, por quem seriam incomparavelmente mais bem tratados do que pelo despota e cruel Villegaignon.

Não acceitaram, porém, estes conselhos. Jesus Christo encheu-os de forte animo e simplesmente admiravel era a confiança que revelavam. Podendo escapar ás garras de Villegaignon, que não podia tolher-lhes a fuga, preferiram, entretanto, manter-se firmes no seu dever, por comprehenderem que era chegada a hora em que importava offerecerem uma prova do precioso conhecimento que o Senhor lhes dera das coisas espirituaes.

Depois de impetrado o auxilio do Espirito de Jesus Christo para serem abundantemente inspirados, começaram, da melhor boa vontade, a elaborar a resposta ás questões de Villegaignon.

Estes envolviam os pontos mais difficeis das Santas Escripturas e mesmo um grande theologo, com todas as obras necessarias á mão, ver-se-ia embaraçado para, de modo amplo, os responder em um mez. Entretanto, os cinco fieis apenas dispunham de um exemplar das Sagradas Letras para se recordarem das passagens mais apropriadas, e não eram theologos mas apenas leigos, alguns dos quaes se achavam doentes e outros conturbados pela previsão do que lhes ia acontecer.

MARTYRIO DE JEAN DU BOURDEL

Para redigir a resposta, elegeram Jean du Bourdel, não só porque era o mais velho de entre elles, como em razão de ser o mais letrado e de possuir conhecimentos da língua latina. Aliás, era o que mais se distinguia pelos seus dons e attractivos peculiares.

Frequentemente, quando via os seus companheiros um tanto esmorecidos, procurava despertal-os, infundindo-lhes coragem e emprazando-os a se manterem sempre fieis ao Divino Mestre, em quem depositavam toda a confiança.

Jean du Bourdel, concluida a redacção da resposta aos artigos do almirante, procedeu repetidas vezes á sua leitura perante os seus companheiros, interrogando-os a proposito de cada ponto.

Todos acharam catholica a *Confissão* e fundada na Palavra da Verdade, declarando-se, mesmo, dispostos a morrer, caso fosse esta a vontade de Deus,

Cada um a assignou de seu proprio punho, para significar que a recebiam como propria.

E, leitor amigo, quizemos communicar-vol-a nesta narração, mediante a sua transcrição, *ipsis verbis*, do respectivo original (31). Si não é tão extensa quanto fôra para desejar, pedimo-vos considereis o logar onde se achavam os seus pobres autores, a sua perplexidade, as suas afflicções, assim do espirito como do corpo, o seu desamparo, a sua falta de auxilio de pessoas e de livros, de tudo, emfim que lhes pudesse facilitar uma comprehensão mais vasta dos ensinamentos escripturísticos. De resto, os dons de Deus não são distribuídos igualmente a todos, pelo que ha pessoas mais favorecidas que outras, segundo convem.

(31) Esta Confissão foi communicada a Crespin, editor, por Jean de Lery, como o declara na obra – *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* (ed. Gaffarel, 1880, tomo II, p. 180: «Reconhecendo que, mais do que a qualquer outro, cabia a mim a injuncção de velar pela *Confissão* destes fieis, para que fosse comprehendida no catalogo dos que experimentaram a morte pelo testemunho do Evangelho, entreguei-a, neste mesmo anno de 1558, a Jean Crespin, impressor, afim de que com o relato das difficuldades do regresso, a Coligoy, dos cinco companheiros, a inserisse tambem no livro dos *Martyres*, ao qual encaminho o leitor >. Vê-se, pois, que é indubitavel que Lery forneceu a Crespin, quando não o proprio texto, pelo menos todos os informes necessários á coordenação da narrativa.

Eis a

CONFISSÃO DE FÉ : (32)

Segundo a doutrina de S. Pedro Apostolo, em sua primeira epistola, todos os Christãos devem estar sempre promptos para dar razão da esperança que nelles ha, e isso com toda a doçura e benignidade, nós, abaixo assignados, Senhor de Villegaignon, unanimemente (segundo a medida de graça que o Senhor nos ha concedido) damos razão, a cada ponto, como nos haveis apontado e ordenado, e começando no primeiro artigo :

I. Cremos em um só Deus, immortal e invisivel, creador do céu e da terra, e de todas as coisas, tanto visiveis como invisiveis, o qual é distinto em tres pessoas : o Pae, o Filho e o Santo Espirito, que não fazem sinão uma mesma substancia em essencia eterna e uma mesma vontade ; o Pae fonte e começo de todo o bem ; o Filho eternamente gerado do Pae, o qual, cumprida a plenitude do tempo; se manifestou em carne ao mundo, sendo concebido do Santo Espirito, nascido da Virgem Maria, feito sob a Lei para resgatar os que sob ella estavam, afim de que recebessemos a adopção de proprios filhos; o Santo Espirito, procedente do Pae e do Filho, mestre de toda a verdade, falando pela boca dos Prophetas, suggerindo todas as coisas que foram ditas por nosso Senhor Jesus Christo aos Apóstolos. Este é o unico consolador em afflicção, dando constancia e perseverança em todo bem.

Creemos que é mistér sómente adorar e perfeitamente amar, rogar e invocar a magestade de Deus em fé ou particularmente.

II. Adorando nosso Senhor Jesus Christo, não separamos uma natureza da outra, confessando as duas naturezas, a saber, divina e humana n'Elle inseparaveis.

III. Cremos, quanto ao Filho de Deus e ao Santo Espirito, o que a Palavra de Deus e a doutrina apostolica, e o symbolo, nos ensinam.

IV. Cremos que nosso Senhor Jesus Christo virá julgar os vivos e os mortos, em fórma visivel e humana como subiu ao Céu, executando tal juizo na forma em que, nos predisse em S. Matheus, vigesimo quinto capitulo, tendo todo o poder de julgar, a Elle dado pelo Pae, em tanto que é homem.

E, quanto ao que dizemos em nossas orações, que o Pae apparecerá enfim na pessoa do Filho, entendemos por isso que o poder do Pae, dado ao Filho, será manifestado no dito juizo, não todavia que queiramos confundir as pessoas, sabendo que ellas são realmente distintas uma da outra.

V. Cremos que no Santíssimo Sacramento da Ceia, com as figuras corporaes do pão e do vinho, as almas fieis são realmente e de facto alimentadas com a propria substancia de nosso Senhor Jesus como nossos corpos são alimentados de viandas, e assim não entendemos dizer que o pão e o vinho sejam transformados ou transsubstanciados no corpo e sangue d'elle, porque o pão continua em sua natureza e substancia, similhantemente o vi-

nho, e não ha mudança ou alteração.

Distinguimos todavia este pão e vinho do outro pão que é dedicado ao uso commum, sendo que este nos é um signal sacramental, sob o qual a verdade é infallivelmente recebida.

Ora esta recepção não se faz sinão por meio da fé e nella não convem imaginar nada de carnal, quem preparar os dentes para o comer, como santo Agostinho nos ensina, dizendo : « Porque preparas tu os dentes e o ventre ? Crê, e tu o comeste »

O signal, pois, nem nos dá a verdade, nem a coisa significada ; mas nosso Senhor Jesus Christo, por seu poder, virtude e bondade, alimenta e preserva nossas almas, e as faz participantes de sua carne, e de seu sangue, e de todos os seus benefícios.

Vejamos a interpretação das palavras de Jesus Christo:

«Este pão é o meu corpo». Tertuliano, no livro quarto contra Marcion, explica estas palavras assim : « Este é o signal e a figura do meu corpo ».

S. Agostinho diz : « O Senhor não evitou dizer :- Este é o meu corpo, quando dava apenas o signal de seu corpo ».

Portanto (como é ordenado no primeiro Canon do concilio de Nicéa), neste santo Sacramento não devemos imaginar nada de carnal e nem nos distrahir no pão e no vinho, que nos são nelles propostos por signaes, mas levantar nossos espiritos ao Céu para contemplar pela fé o Filho de Deus, nosso Senhor Jesus, sentado á dextra de Deus, seu Pae.

Neste sentido podiamos juntar o artigo da Ascensão, com muitas outras sentenças de santo Agostinho, que omittimos, temendo ser longas.

VI. Cremos que, si fosse necessario pôr agua no vinho, os evangelistas e São Paulo não teriam omittido uma coisa de tão grande consequência.

E quanto a que os doutores antigos o têm observado (fundamentando-se sobre o sangue misturado com agua que sahio do lado de Jesus Christo, desde que tal observancia não tem nenhum fundamento na Palavra de Deus, visto mesmo que depois da instituição da Santa Ceia isso aconteceu), nós a não podemos hoje admittir necessariamente.

VII. Cremos que não ha outra consagração que a que se faz pelo ministro, quando se celebra a Ceia, recitando o ministro ao povo, em linguagem conhecida, a instituição desta Ceia litteralmente, segundo a fórmula que nosso Senhor Jesus Christo nos prescreveu, admoestando o povo da morte e paixão de nosso Senhor. E mesmo, como diz santo Agostinho, a consagração e a palavra de fé que é pregada e recebida em fé. Pelo que, segue-se que as palavras secretamente pronunciadas sobre os signaes não podem ser a consagração como apparece da instituição que nosso Senhor Jesus Christo deixou aos seus Apóstolos, dirigindo suas palavras aos seus discipulos presentes, aos quaes ordenou tomar e comer.

VIII. O Santo Sacramento da Ceia não é vianda para o corpo como para as almas (porque nós não imaginamos nada de carnal, como declaramos no artigo quinto) recebendo-o por fé, a qual não é carnal.

IX. Cremos que o baptismo é Sacramento de penitencia, e como uma entrada na Igreja de Deus, para sermos incorporados em Jesus Christo. Representa-nos a remissão de nossos peccados passados e futuros, a qual é adquirida plenamente só pela morte de nosso Senhor Jesus.

De mais, a mortificação de nossa carne ahi nos é representada, e a lavagem, representada pela agua lançada sobre a creança, é signal e sello do sangue de nosso Senhor Jesus, que é a verdadeira purificação de nossas almas. A sua instituição nos é ensinada na Palavra de Deus, a qual os santos Apostolos observaram usando de agua em nome do Pae, do Filho e do Santo Espirito.

Quanto aos exorcismos, abjurações de satan, chrisma, saliva e sal, nós os registramos como tradições dos homens, contentando-nos só com a fórmula e instituição deixada por nosso Senhor Jesus.

X. Quanto ao livre-arbitrio, cremos que, si o primeiro homem, creado á imagem de Deus, teve liberdade e vontade, tanto para bem como para mal, só elle conheceu o que era o livre arbitrio, estando em sua integridade. Ora, elle nem apenas guardou este dom de Deus, assim delle foi privado por seu peccado, e todos os que descendem delle, de sorte que nenhum da semente de Adão tem uma scintilla do bem.

Por esta causa, diz São Paulo, que o homem sensual não entende as coisas que são de Deus. E Oseas clama aos filhos de Israel : «Tua perdição é de ti, Ó Israel».

Ora isto entendemos do homem que não é regenerado pelo Santo Espirito.

Quanto ao homem christão, baptizado no sangue de Jesus Christo, o qual caminha em novidade de vida, nosso Senhor Jesus Christo restitue nelle o livre arbitrio, e reforma a vontade para todas as boas obras, não todavia em perfeição, porque a execução de boa vontade não está em seu poder, mas vem de Deus, como amplamente este Santo Apostolo declara, no setimo capitulo aos Romanos, dizendo : « Tenho o querer, mas em mim não acho o perfazer ».

O homem predestinado para a vida eterna, embora peque por fragilidade humana, todavia não pode cair em impenitencia.

A este proposito, S. João diz que elle não pecca, porque a eleição permanece nelle.

XI. Cremos que pertence só á Palavra de Deus perdoar os peccados, da qual, como diz Santo Ambrosio, o homem é apenas o ministro; portanto, si elle condemna ou absolve, não é elle, mas a Palavra de Deus que elle annuncia.

Santo Agostinho neste lugar diz que não é pelo merito dos homens que os peccados são perdoados, mas pela virtude do Santo Espirito. Porque o Senhor dissera a seus apóstolos : « Recebei o Santo Espirito » ; depois acrescenta : « Si perdoardes a algum, seus peccados », etc.

Cypriano diz que o servidor não pode perdoar a offensa contra o Senhor.

XII. Quanto á imposição das mãos, essa servio em seu tempo, e não ha necessidade de conserval-a agora, porque pela imposição das mãos não se pode dar o Santo Espirito, porquanto isto só a Deus pertence.

Tocante á ordem ecclesiastica, cremos no que São Paulo della escreveu na Primeira Epistola a Timotheo, e em outros logares.

XIII. A separação entre o homem e a mulher legitimamente unidos por casamento não se pôde fazer sinão por causa de adulterio, como nosso Senhor ensina. Matheus, capitulo XIX: ver. 5. E não sòmente se pode fazer a separação por essa causa, mas, tambem, bem examinada a causa perante o magistrado, a parte não culpada, se não podendo conter, pôde casar-se, como São Ambrosio diz sobre o capitulo VII da Primeira Epistola aos Corinthios. O magistrado, todavia, deve nisso proceder com madureza de conselho.

XIV. São Paulo, ensinando que o bispo deve ser marido de uma só mulher, não diz que lhe seja licito tornar-se a casar, mas o Santo Apostolo condemna a bigamia a que os homens daquelles tempos eram muito affeitos ; todavia, nisso deixamos o julgamento aos mais versados nas Santas Escripturas, não se fundando a nossa fé sobre esse ponto.

XV. Não é licito votar a Deus, sinão o que elle approva. Ora, é assim que os votos monasticos só tendem á corrupção do verdadeiro serviço de Deus. E' tambem grande temeridade e presumpção do homem fazer votos além da medida de sua vocação, visto que a Santa Escriptura nos ensina que a continencia é um dom especial. Matheus XV e I Epist. de S. Paulo aos Corinthios, VII. Portanto, segue-se que os que se impõem esta necessidade, renunciando ao matrimonio toda a sua vida, não pôdem ser desculpados de extrema temeridade e confiança excessiva e insolente em si mesmos.

E por este meio tentam a Deus, visto que o dom da continencia é em alguns apenas temporal, e o que o teve por algum tempo não o terá pelo resto da vida. Por isso, pois, os

monges, padres e outros taes que se obrigam e promettem viver em castidade, tentam contra Deus, por isso que não está nelles cumprir o que promettem. São Cypriano, no capitulo onze, diz assim : « Si as virgens se dedicam de boa vontade a Christo, perseverem em castidade sem defeito ; sendo assim fortes e constantes, esperem o galardão preparado para a sua virgindade; si não querem ou não pódem perserverar nos votos, é melhor que se casem do que serem precipitadas no fogo da lascivia por seus prazeres e delicias». Quanto á passagem do apostolo S. Paulo, é verdade que as viúvas, tomadas para servir á Egreja, se submettiam a não mais casar, emquanto estivessem sujeitas ao dito cargo, não que por isso se lhes reputasse ou attribuisse alguma santidade, mas porque não se podiam bem desempenhar de seus deveres, sendo casadas ; e, querendo casar, renunciasssem a vocação para que Deus. as tinha chamado, comtudo que cumprissem as promessas feitas na Egreja, sem violar a promessa feita no baptismo, na qual está contido este ponto : « Que cada um deve servir a Deus na vocação em que foi chamado ». As viúvas, pois, não faziam voto de continencia, sinão no que o casamento não convinha ao officio para que se apresentavam, e não tinham outra consideração que cumpril-o. Não eram tão constrangidas que não lhes fosse antes permittido casar-se que abraçar-se e cahir em alguma infamia ou deshonestidade.

Mais, para evitar tal inconveniente, o Apostolo São Paulo, no capitulo citado, prohiibe, que sejam recebidas para fazer taes votos sem que tenham a idade de sessenta, annos, que é uma idade commumente fóra da incontidencia. Accrescenta que os eleitos só devem ter sido casados uma vez, afim de que por essa fórma, tenham já uma approvação de continencia.

XVI. Cremos que Jesus Christo é o nosso unico Mediador, Intercessor e Advogado, pelo qual temos accesso ao Pae, e que, justificados no seu sangue, seremos livres da morte, e por elle já reconciliados teremos plena victoria contra a morte.

Quanto aos santos defuntos, dizemos que desejam a nossa salvação e o cumprimento do Reino de Deus, e que o numero dos eleitos se complete ; todavia não nos devemos dirigir a elles como intercessores para obterem alguma coisa, porque desobedeceriamos o mandamento de Deus. Quanto a nós, ainda vivos, emquanto estamos unidos como membros de um corpo, devemos orar uns pelos outros, como nos ensinam muitas passagens das Santas Escripturas.

XVII. Quanto aos mortos, São Paulo na 1 Epistola aos Thessalonicenses, IV capitulo, nos prohiibe entristecer-nos por elles, porque isto convém aos pagãos, que não têm esperança alguma de resuscitar. O Apostolo não mandá e nem ensina orar por elles, o que não teria esquecido, si fosse conveniente. S. Agostinho, sobre o Psalmo XLVIII, diz que os espiritos dos mortos recebem conforme o que tiverem feito durante a vida ; que, si nada fizeram, estando vivos, nada recebem, estando mortos.

Esta é a resposta que damos aos artigos por vós enviados, segundo a medida e porção da fé, que Deus nos deu, supplicando que lhe praza fazer que em nós não seja morta, antes produza fructos dignos de seus filhos, e assim, fazendo-nos crescer e perseverar n'ella, lhe rendamos graças e louvores para sempre jamais. Assim seja.

* Confissão escrita por Jean du Bourdel entre 04/01/1558 e 09/02/1558

- Jean du Bourdel, Matthieu Verneuil, Pierre Bourdon, André la Fon.

(32) «Definições concisas, de profundeza, porém, admiravel - é a característica da Confissão dos martyres de Villegaignon.

A mentalidade de du Bourdel era, por certo, de um poder admiravel, para produzir, em circumstancias de tanto sofrimento, respostas precisas e profundamente theologicas como as que ahi se vêem.

E' um documento interessantissimo. Revela o estudo que nesse tempo se fazia dos Padres da Igreja ; o conhecimento invejavél de doutrina que os leigos de então possuíam.

E' uma confissão calvinista; è a confissão dos nossos maiores ; responde particularmente às heresias de Roma - é a primeira confissão redigida na America, na primeira Igreja do Brasil.

E foi sellada com sangue »,

Erasmu Braga (traductor desta Confissão)

Em seguida foi esta *Confissão* enviada ao almirante, que ponderou todos os seus termos a seu modo, guiado sempre por um intento perverso. Declarou hereticos e pestíferos varios artigos, notadamente os relativos aos sacramentos e aos votos, que lhe causaram grande horror. Não tinha pejo em referir que se não devia permittir vissem por mais tempo os seus signatarios, afim de não serem os outros da companhia attingidos pelo seu veneno.

Tendo, pois, resolvido em definitivo tirar-lhes a vida, procurou ingenuamente dissimular o seu sinistro proposito, pois receava que alguém os prevenisse da traição contra elles preparada. Não comunicou mesmo coisa alguma a quem quer que fosse e manteve o sigillo, até a sexta-feira trágica – 9 de fevereiro de 1558.

Informado de que na vespera deste dia, pela manhã, o seu barco iria ao continente para transportar mantimentos, ordenou aos tripulantes que lhe trouxessem Jean du Bourdel e os seus companheiros, todos domiciliados na aldeia dos Francezes.

Ao receberem a intimação, e presentindo que iam ser julgados pela sua *Confissão de Fé*, ficaram em extremo atemorizados e trementes. Os Francezes, chorando, dissuadiam-n'os, com grande instancia, de se encaminharem ao matadouro. Mas Jean du Bourdel, homem virtuoso e possuidor de uma confiança maravilhosa, rogou aos Francezes que descontinuassem de intimidar os seus companheiros, a quem exhortou e animou não só a comparecerem perante o tyranno, mas a se resignarem a, morrer, si tal fosse a vontade divina. Eis as suas palavras: «Meus irmãos, vejo que Satanaz se esforça por todos os meios para nos impedir de, resolutamente, defendermos hoje a causa de Christo Jesus Senhor nosso, e que alguns de nos revelam uma timidez fóra do rasoavel, equivalente mesmo a uma duvida acerca do socorro e favor do nosso bom Deus, em cujas mãos, sabemos, estão nossas vidas, que ninguem nos poderá tirar sem as determinações dos seus sabios conselhos. Ora, eu vos peço que commigo considereis o modo e o motivo por que viemos a este paiz : Quem nos moveu á travessia do oceano numa extensão de duas mil leguas? Quem nos preservou de tantos perigos? Acaso não foi aquelle que tudo governa, que dirige todas as coisas pela sua bondade infinita, que ampara os seus por meios admiraveis? E' certo que contra nós militam tres inimigos poderosos : – o Mundo, o Diabo e a Carne, e que por nós mesmos não podemos resistir-lhes. Mas, si acorrermos ao Senhor Jesus, que os venceu por nós, elle nos assistirá consoante a sua promessa, que sempre cumpre, por isso que é fiel e Todo-Poderoso. Apeguemo-nos a elle, e nelle inteiramente repouzem. Coragem, pois, meus irmãos! Que os enganos, que as crueldades, que as riquezas deste mundo não nos embarquem de irmos a Christo!»

Esta breve allocução encheu de inenarravel consolo os seus companheiros, e todos, com muito zelo e grande vehemencia, oravam ao Senhor, pedindo-lhe os assistisse com o seu Santo Espirito, para que este os inspirasse a externarem perante os homens o conhecimento precioso que lhes havia dado do seu Evangelho.

Depois, como o barco os estivesse esperando, transportaram-se nelle para a ilha de Coligny os Calvinistas Jean du Bourdel, Matthieu Verneuil e André la-Fon, tendo ficado enfermo, no continente, Pierre Bourdon, por cuja causa não pôde então embarcar.

Chegados á ilha, Villegaignon fel-os comparecer á sua presença.

Apontando para a *Confissão de Fé* que segurava em uma das mãos, perguntou-lhes si fôra escripta e assignada por elles e si estavam promptos a sustental-a. Todos lhe responderam na affirmativa e cada um reconheceu a sua propria assignatura, pois reputavam christã a *Confissão*, visto haver sido extrahida das Santas Escripturas e porque era concordante com os ensinós dos apóstolos e martyres da Egreja Primitiva. E por isso mesmo estavam firmemente resolvidos a mantel-a, com a graça de Deus, em todos os seus pontos, ainda mesmo que o Senhor permittisse que o seu testemunho lhes custasse a vida. Não se recusavam, entretanto, a submeter-se aos que tivessem mais luzes do que elles da Palavra de Deus.

Diante desta declaração, demonstrou o almirante, pela subita mudança da sua physionomia, a grandeza do seu odio irreprimível, e ameaçou-os de morte immediata, caso se obstinassem em sustentar a sua opinião infeliz e damnosa, como a qualificava.

A seguir ordenou ao carrasco que lhes prendesse as pernas com grilhões e que em cada cadeia dos mesmos collocasse um peso de 50 a 60 libras. (Villegaignon dispunha de muitos instrumentos de tortura com os quaes castigava os se1vagens, em vez de procurar attrahir estes ás doces influencias da Religião Christã). E não satisfeito com os haver agri-lhoado, mandou ainda encerral-os numa prisão estreita e escura, com sentinellas á vista convenientemente armadas.

Entretanto, os condemnados consolavam-se e regosijavam-se em suas cadeias, orando e cantando, com extraordinario fervor, psalmos e louvores a Deus.

Os da ilha ficaram muito consternados com este acto e todos se possuíram de grande temor. Sem embargo, alguns delles, aproveitando os momentos em que o almirante repouzava ou se occupava em outros assumptos, visitavam os prisioneiros, fornecendo-lhes alimento, consolando-os e dando-lhes esperança. Não havia, porém, no forte uma pessoa de certa preponderancia e autoridade que pudesse demonstrar a Villegaignon a enormidade da sua injustiça e tyrannia. Assim, os condemnados não podiam contar, na fortaleza, com o auxilio de quem quer que fosse. Além disto, Villegaignon prohibira, sob pena de morte, a sahida, naquelle dia, de qualquer embarcação, para que os do continente ignorassem o que ali se passava. Visivelmente excitado, o almirante dequando em vez passeava em torno da fortaleza, indo repetidas vezes verificar si as portas das prisões estavam bem fechadas e si as fechaduras não haviam sido forçadas. Apoderou-se das armas que os soldados e os artezãos tinham em seus quartos para a defesa do fortim. Era o receio de que o povo se sublevasse contra elle.

Tudo assim disposto, começou Villegaignon a reflectir sobre o genero de morte a applicar aos sentenciados: decidio, por fim, estrangulal-os e, afogal-os no mar, pois o seu carrasco não possuía o conveniente preparo para os eliminar por outro meio. Firme nesta resolução, não descançou durante a noite, mas, de hora em hora, mandava examinar, as prisões.

Entrementes, Jean du Bourdel continuava a exhortar os seus companheiros, concitando-os a louvarem a Deus pelo privilegio que lhes concedia de serem achados dignos de sofrer pelo seu Santo Nome num paiz barbaro e estrangeiro ; e dava-lhes, outrosim, a esperança de que Villegaignon não seria tão louco e deshumano que os executasse, mas sómente, decerto, se limitaria a escravizal-os por toda a vida.

Os companheiros, porém, não acariciavam tal esperança, porque conheciam sobejamente o natural de Villegaignon, tanto mais que ha muito procurava elle o ensejo que então se lhe deparára.

Na manhã do dia seguinte (sexta-feira), bem armado e acompanhado de um pagem, desceu Villegaignon a uma pequena sala, onde fez comparecer, em cadeias, a Jean du Bourdel, a quem exigio explicasse – e provasse com as palavras de Santo Agostinho – o artigo sobre os sacramentos, na parte em que asseverava que o pão e o vinho eram signaes do corpo e sangue de Jesus Christo.

la Jean du Bourdel citar a passagem para confirmar a asserção, sinão quando o almirante, num acesso de colera, o desmente, vibrando-lhe ao mesmo tempo, em pleno rosto, tremenda bofetada, em consecuencia da qual o sangue jorrou, abundante, do nariz e da boca do paciente. E, em lhe batendo, pronunciou estas palavras : – «Mentes, impudico! Santo Agostinho jámais o entendeu assim, e hoje, antes que eu prove qualquer alimento, dar-te-ei o fructo da tua obstinação!»

Du-Bourdel, deste modo ultrajado, preferio remeter-se ao silencio. E como, pelas faces, lhe roressem, com o sangue, tambem algumas lagrimas, tal a violencia da aggressão, o almirante, zombando, chamou-o de homem effeminado e tão sensível que chorava por um simples piparote.

De novo Villegaignon lhe perguntou si continuava a manter o que escrevera e assignára. Du Bourdel respondeu-lhe affirmativamente e que de parecer não mudaria ate que o convencessem, pela autoridade das Escripturas, que laborava em erro.

Diante da sua irreductivel firmeza, ordenou Villegaignon ao carrasco que algemasse os braços e as mãos do paciente e que o conduzisse á rocha que elle, almirante, havia já designado e acima da qual, nas preamares, as aguas se elevam tres pés.

De armas na mão, Villegaignon e seu pagem acompanharam-n'o até o rochedo. Mas Jean du-Bourdel, ao passar junto da prisão em que estavam os seus companheiros, gritou-lhes em alta voz que tivessem coragem, pois iam ser logo libertados desta vida miseravel. E, caminhando para a morte, entoava psalmos e louvores a Deus, o que causava grande espanto a Villegaignon e ao carrasco.

Quando já sobre o recife, foi-lhe apenas permittido que, antes de partir deste mundo, se dirigisse a Deus em oração, pois o almirante apressava o carrasco; e, assim, de joelhos, fez Jean du Bourdel confissão de seus peccados a Deus, a quem impetrou graça e perdão em nome de Jesus Christo, em cujas mãos entregava o seu espírito.

Depois, posto em camisa, entregou-se á mercê do carrasco, pedindo-lhe, entretanto, não o deixasse desfallecer.

O almirante, vendo que a execução se prolongava muito, ameaçou ao carrasco de mandar açoital-o, caso não a concluísse logo. Então, num movimento brusco, o algoz atirou ao mar o paciente que invocava o auxilio de Jesus Christo, até que, asfixiado, e de modo tão violento e cruel, rendeu o espírito ao Creador.

MARTYRIO DE MATTHIEU VERNEUIL

Executado Jean du Bourdel, o carrasco conduzio ao rochedo Matthieu Verneuil, que estava assombrado com a morte do seu companheiro. Comtudo, permaneceu firme e confiante. Já no logar da execução, o almirante, que não tinha contra Verneuil o mesmo profundo odio que votava a Jean du Bourdel, interrogou-o sobre si queria arruinar-se e perder-se. Elle, porém, repellio o nobremente. Entretanto, isto não impedio que, ao despir-se sobre o recife, se arre-ceiasse da morte e pedisse as razões por que o executavam: – «Senhor Villegaignon, disse elle, acaso havemos nós praticado algum roubo ou ultrajado o menor de vossos servos? acaso havemos nós conspirado contra a vossa vida ou procurado a vossa deshonorra? Si assim é, trouxe aqui os nossos acusadores».– «Não, desbriado! respondeu Villegaignon, tu e os teus companheiros não experimentaes a morte por nenhuma destas coisas, mas, sim, porque, sendo umas pestes perigosissimas, e estando separados da Egreja, importa sejaes cortados como ramos podres, afim de não corromperdes o resto da minha companhia». Mas Verneuil retorquiu-lhe ; – <Ora, visto que vos acobertaes com o manto da Religião, dizei-me: Não é verdade que ha oito mezes passados fizestes ampla e publica confissão desses mesmos pontos doutrinaarios pelos quaes nos daes a morte?»

Em seguida orou : – «O' Deus eterno, visto que pela causa de teu filho Jesus Christo hoje morremos; visto que pela defesa da tua santa Palavra e doutrina nos conduzem á morte : lembra-te dos teus servos e assiste -os, toma em tuas mãos esta causa, afim de que nem Satanaz nem os poderes do mundo alcancem victoria sobre nós. »

E, voltando-se para Villegaignon, pediu-lhe não o fizesse morrer mas o tornasse por

seu escravo.

Villegaignon, confundido, não sabia o que responder ás petições lancinantes do pobre paciente, sinão que o considerava menos do que ás immundicias do caminho e que, por isso mesmo, nenhum serviço tinha em que pudesse aproveitá-lo. Sem embargo, si Verneuil quizesse retractar-se da sua *Confissão de Fé* e declarar que estava, em erro, promettia-lhe pensar no assumpto.

Verneuil, então, vendo que a esperança que se lhe dava, além de problematica, lhe era prejudicial á salvação da alma, declarou, de modo resolutivo e altissonante, que preferia antes morrer para viver eternamente com o Senhor, do que conservar a vida do corpo por mais algum tempo e morrer espiritualmente para sempre com Satanaz.

Após orar de novo sobre o rochedo e de recomendar a sua alma a Deus, entregou-se ao carrasco e, gritando : « Senhor Jesus, tem piedade de mim », rendeu o espírito.

ANDRÉ LA-FON

ESTE NÃO PERMANECEU FIRME E SÓ A TÍTULO HISTÓRICO NOS
OCCUPAMOS DELLE NA PRESENTE NARRATIVA.

O terceiro huguenote, André la-Fon, alfaiate, foi conduzido pelo carrasco ao mesmo lugar de supplicio. Pelo caminho pedia que, si a alguém tivesse offendido, lhe perdoassem, visto ser do agrado de Deus que elle morresse por causa da confissão do seu Santo Nome.

Ora Villegaignon quizera poupar a este em virtude dos serviços profissionais que lhe podia prestar, visto que entre a sua gente não havia nenhum alfaiate ; comtudo, não podia deixar ele castigá-lo, para que se não dissesse que era de uma parcialidade iníqua. Murmurava-se que elle ordenára a um de seus pagens revelasse a la-Fon o seu intento.

Esse pagem e um outro advertiram ao paciente que, si quizesse salvar a vida, deveria dizer a Villegaignon que elle, alfaiate, não era muito versado nas Escripturas para responder a todas as questões que lhe fossem propostas.

La-Fon, porém, não deu ouvidos a estes conselhos, entendendo que o perdão dos homens não era o que lhe importava e, sim, o de Deus. Os pagens fizeram retardar a chegada do carrasco e, neste comenos, foram procurar Villegaignon, que se achava perto, supplicando-lhe poupasse o alfaiate ; porquanto, após alguma reflexão, não se revelava obstinado nas suas idéas e poderia com o tempo abandoná-las por completo, mesmo porque não tinha estudos. Demais, allegavam que o alfaiate ser-lhe-ia muito util e substituiria outro que lhe acarretasse grandes despesas. A principio o almirante indeferiu rudemente este pedido, asseverando que la-Fon estava muito dominado pela opinião dos seus companheiros, o que sobremodo o desgostava. Entretanto, como o reconhecia homem pacifico, perdoal-o-ia caso confessasse o seu erro; do contrario, seria morto. Neste sentido, ordenou fosse o paciente inquirido antes de ser estrangulado pelo carrasco. Entenderam-se, pois, estes dois pagens com o alfaiate, a quem rogaram e concitaram a retractar-se ou a prometter reconhecer o seu erro, ou, pelo menos, a protestar que não desejava ser ferrenho na sua opinião; porque, de outro modo, accrescentaram elles, não haveria possibilidade de salvar-se.

Finalmente, la-Fon deixou-se persuadir por estes conselhos e, para escapar á morte, condescendeu em declarar que não desejava ser pertinaz e obstinado em suas idéas calvinistas e, emphaticamente, se compromettia a retractar-se, quando lhe provassem os seus erros pela Palavra de Deus.

Villegaignon; entendendo que o paciente se revelava disposto a abjurar o que antes abraçára com tanta confiança, ordenou ao carrasco que lhe tirasse as algemas e o deixasse ir em paz, ficando-lhe, porém, por prisão a fortaleza, onde permaneceu captivo e como alfai-

ate do almirante e de toda a sua gente.

Tudo isto se passou antes: das nove horas da manhã desse dia, para que a maioria das pessoas existentes na ilha não fosse avisada de taes execuções. Mas, quando se espalhou a noticia de tamanha crueldade e barrbaria, todos mui justamente se recri-mínavam a sí mesmos, por motivo de não ter havido alguém entre elles que oppuzesse embargos á effusão do sangue innocente.

Entretanto, como ali não houvesse pessoa alguma capaz desta attitude, deixaram-se todos ficar nas suas casernas, sem ousarem externar uma palavra do que pensavam.

E , assim, poude Villegaignon praticar, sem a mínima difficuldade e conforme melhor lhe aprouve, tão hedionda crueza.

MARTYRIO DE PIERRE BOURDON

Não estava, porém, concluído todo o sacrificio sanguinolento sobre o rochoso cada-falso de Coligny: restava ainda executar o quarto huguenote, Pierre Bourdon, torneiro; a quem o almirante votava um odio profundo. Aquelle ficára no continente muito enfermo e não pudera par isso embarcar com os seus companheiros.

Para completar a execução, o almirante dirigia-se a terra num bote em que o acompanhavam alguns marinheiros, pois receava que o torneiro, na sua ausencia, houvesse conquistado sympathias entre os seus servos, que bem poderiam oppor-lhe resistência.

Penetrou elle em casa de Bourdon seguido do subalterno que commandava os outros marujos, os quaes não sahiram do barco. Ali exigio que lhe trouxessem o doente, que estava semi-morto. A primeira saudação que lhe dirigio foi ordenar-lhe que se levantasse para embarcar no bote immediatamente. E, como Bourdon lhe fizesse ver por palavras e pelo seu estado que se considerava inutil, no momento, para qualquer trabalho, respondeu-lhe o almirante que era para o tratar que o conduzia. Constatando, porém, que elle não podia ter-se de pé, e menos ainda caminhar, fel-o transportar até a chalupa.

Quando o carregavam, perguntou o doente si lhe destinavam alguma occupação. Mas ninguem lhe respondeu uma só palavra. Durante a viagem interrogou-o Villegaignon sobre si queria manter a *Confissão de Fé* que assignára ; e o torneiro retorquiu-lhe que pensaria nisso. Não obstante, sem o menor aviso, tão logo chegaram á fortaleza, o carrasco, segundo a ordem prévia que recebera do almirante, algemou o torneiro, levando-o ao mesmo logar de suplicio e recommendando-lhe que pensasse na alma. Então, o condemnado, olhos fitos no céu e braços cruzados, não se entristeceu, presentindo que naquelle mesmo logar os seus companheiros haviam alcançado victoria sobre a morte. Depois, em alta voz, recomendou o seu espirito ao Creador, dizendo : <<Senhor Deus, sou tambem como aquelles meus companheiros que com honra e gloria pelejaram o bom combate pelo teu Santo Nome, e, por isso, peço-te me concedas a graça de não succumbir aos assaltos de Satanaz, do Mundo e da Carne. E perdoa, Senhor, todos os peccados por mim commettidos contra a tua majestade, e isto eu t'ó impetro em nome do teu filho muito amado Jesus Christo» .

Após esta prece, voltou-se para Villegaignon e inquirio-o sobre o motivo da sua morte. Foi-lhe respondido que a razão era a assignatura que lançára numa *Confissão* heretica e escandalosa. Queria o paciente saber o ponto doutrinario pelo qual fôra elle considerado hereje, visto que não havia sido examinado a respeito do mesmo. Suas observações, porém, não tiveram effeito algum, porque não era mais tempo de discussão e, sim, de pensar em si proprio, como dizia ao torneiro o almirante, ordenando em seguida: ao carrasco que se désse pressa em fazer a execução.

Pierre Bourdon, vendo que as leis divinas e humanas, que todas as prescripções civis e christãs estavam como sepultadas, submetteu-se resolutamente ao algoz, que, depois de o haver suffocado e estrangulado, lançou ao mar o seu corpo, tal como fizera aos outros dois fieis.

E, assim, este martyr expirou no Senhor.

Estava, finalmente, consummada a tragedia sangrenta e tenebrosa (33). Villegaignon experimentou, nesse momento, um grande allivio em seu espírito, quer por ter executado o que ha longo tempo premeditára, quer por haver dado aos que o cercavam uma prova do seu poder e da sua tyrannia.

[33] A narrativa nada nos diz sobre o quinto huguenote – Jacques la Balleur. Mas Rocha Pombo (Historia do Brasil, vol, III, pag. 514), firmado no estudo historico do dr. Alvaro Reis, pastor presbiteriano, tem como certo que o *Bollés* enforcado no Rio de Janeiro em 1567, em cuja execução José de Anchieta fez de mestre ele carrasco, não é outro sinão Jacques le Balleur. (Vide Alvaro Reis, O Martyr le Balleur).

As dez horas desse dia – sexta-feira, 9 de fevereiro de 1558 – o almirante reunia toda a sua gente, a quem dirigia a palavra, exhortando a todos a evitarem a seita dos Lutheranos, de que deveriam fugir e á qual elle proprio adherira em tempo, mas de cujo acto se penitenciava, pois não havia perlustrado os escriptos dos Padres da Egreja Primitiva. E a quantos se obstinassem nas idéas dos Reformados ameaçou de morte ainda mais horrenda que a inflingida aos tres martyres, assegurando-lhes, de modo emphatico, que seria para com elles mais rigoroso do que o fôra para com estes. Recomendou-lhes, pois, tomassem todo o cuidado a este respeito e se mantivessem em tudo adstrictos ao que os Padres da Egreja haviam tão escrupulosamente instituído e praticado.

Em signal ele regosijo pela execução dos tres fieis, nesse mesmo dia mandou Villegaignon fazer aos seus servos uma larga distribuição de viveres. (34)

Mas, a partir do momento de tão monstruosa crueldade, o almirante foi de mal a peor, correndo-lhe sempre ás avéssas os seus negocios,

[34] Termina aqui o livro *Histoire des choses mémorables survenues en la terre du Brésil* que Crespín se limitou a reproduzir. Aqui, outrosim, finaliza a narrativa de Crespín. Os paragraphos seguintes não se acham na ultima edição por elle publicada (1570), nem mesmo na seguinte (1582), mas figuram nas de 1597, 1608 e 1619.

E eis porque escreveu a alguns cortezãos, dizendo-lhes que, si não o processassem por haver, no Brasil, durante algum tempo, propagado o Calvinismo, comprometia-se, por seu turno, a eliminar pela morte (ou, na sua expressão, a fazer emmudecer) os ministros que haviam estado na sua companhia.

Mallogrados os seus chimericos planos sobre a America, regressou Villegaignon á França e, para alcançar favores, publicou em latim, na cidade de Paris, diversas diatribes contra a sã doutrina (35), Refutaram-n'o, porém, sob o nome de P. Richier (36), e de maneira tão energica e vitoriosa. que Villegaignon, ao em vez ele conquistar gloria, se tornou odioso a todos e foi havido por homem realmente louco.

Sob o reinado de Francisco II, Villegaignon atacou, a princípio de viva voz e depois por escripto, a Simão Brossier, ministro de Loudun e então prisioneiro do arcebispo de Tours; mas Brossier repellio-o vigorosamente, de sorte que todos viam no almirante um perturbador, uma pessoa destituída de qualquer sentimento religioso.

[35] Sobre os títulos destes escriptos, vide :*La France Protestante*, 2a ed., t. V, col. 983 ,art. Durand de Villegaignon.

(36) Allusão a pamphletos contra Villegaignon publicados em 1561, de autor anonymo, sendo, porém, attribuidos a Richier, e os quaes se acham na Bibliotheca do Arsenal, appensos ao exemplar do livro - *Histoire des choses mémorables survenues en la terre du Brésil*.

Finalmente, depois de, no ultimo quartel da sua existencia , haver vivido como parasita de alguns fidalgos, que o sustentavam e delle zombavam, pedindo-lhe referisse as historias das novas terras, Villegaignon começou a ser flagellado por um padecimento secreto, uma enfermidade horrível que o consumia pouco a pouco: e, assim, com morte cor-

respondente ás crueldades que praticára, acabou elle os seus desgraçados dias neste mundo, sem se arrepende da sua apostasia nem dos males que da mesma resultaram (37).

(37) Sobre a figura sinistra de Villegaignon, de execrável memoria, convem registremos aqui as palavras de Rocha Pombo : – «Para se fazer uma idéa do extremo a que este homem tinha descido naquella phase de hysteria criminosa, basta citar a conducta de scelerado que elle teve com alguns daquelles protestantes de du Pont que preferiram retroceder para o forte, a arriscar a vida fazendo a travessia do Atlantico em um navio tão velho e estragado como o *Jacques*, e que começara a fazer agua antes de se haver afastado da costa. Os cinco Genebrinos que tinham deixado o navio, á custa de longos trabalhos, perigos e soffrimentos sem conta, alcançaram afinal a Guanabara ; e procuraram o vice-almirante, appellando para a sua misericórdia. O barbaro, nos primeiros momentos, tranquillizou os desvairados; mas dali a dias, metteu-se-lhe na alma damnada que aquelles pobres homens eram espiões de du Font e Richier e mandou, com um requinte de inclemencia e de dureza que faz gelar o coração, afogar tres dos desgraçados na bahia. Este sinistro tyranno renovava aqui das scenas monstruosas de Denys o antigo. Esta horrível tragedia completou aquella obra de demencia e de crime. A população, tanto da ilha como do continente, ficou estarecida não se sabe si mais de indignação ou de pavor. Alguns dias depois da execução dos tres martyres – diz Gaffarel – metade dos colonos tinha desertado, uns met-tendo-se em desvario pelas florestas ; outros procurando as costas na esperanza de que os recolhesse algum navio francez. O que nos enche de pasmo é que Villegaignon, «detestado pelos Calvinistas, temido e desprezado pelos Catholicos, aborrecido pela gente da terra», tenha podido fazer-se algoz de tantas nobres victimas, zombado de todas as leis divinas e humanas; e afinal que tenha sahido ainda incolume, deixando-nos, num canto da nossa historia, a mancha mais negra que a conspirca», (Ob. citada, vol. III, pags. 505 – 508).

FIM

A P P E N D I C E